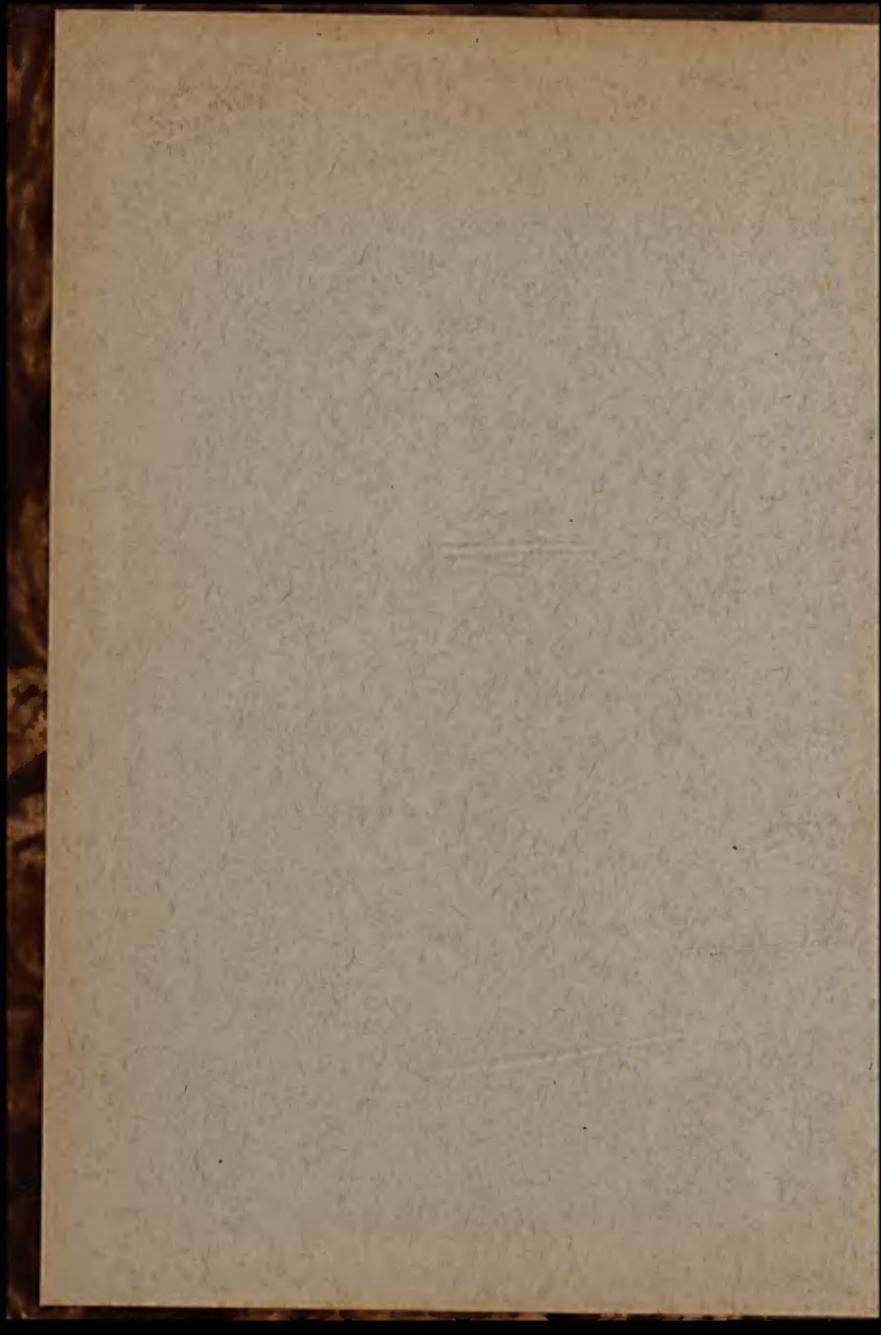
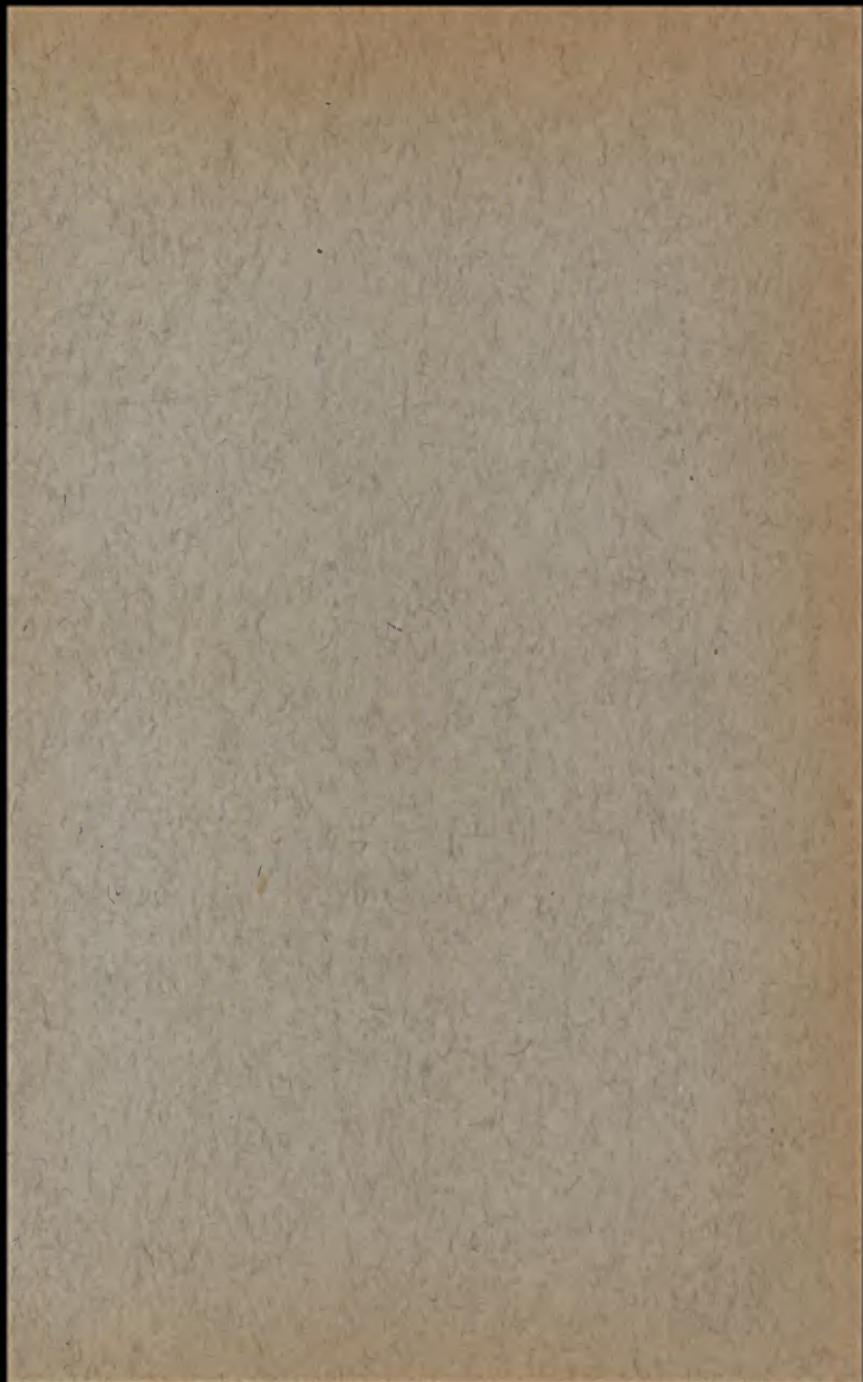




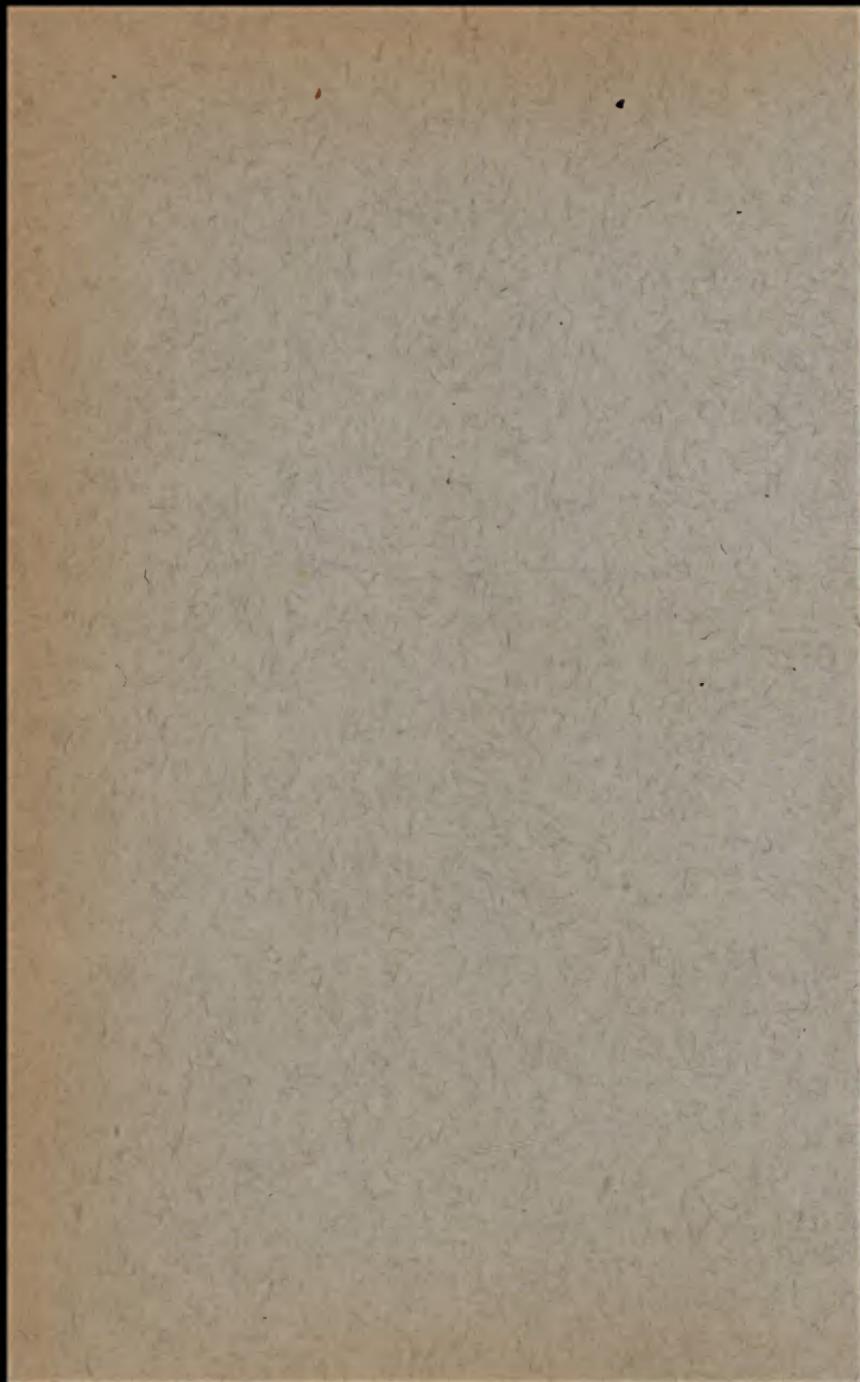
cm 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13



cm 1 2 3 4 5 unesp 8 9 10 11 12 13



cm 1 2 3 4 5 unesp 7 8 9 10 11

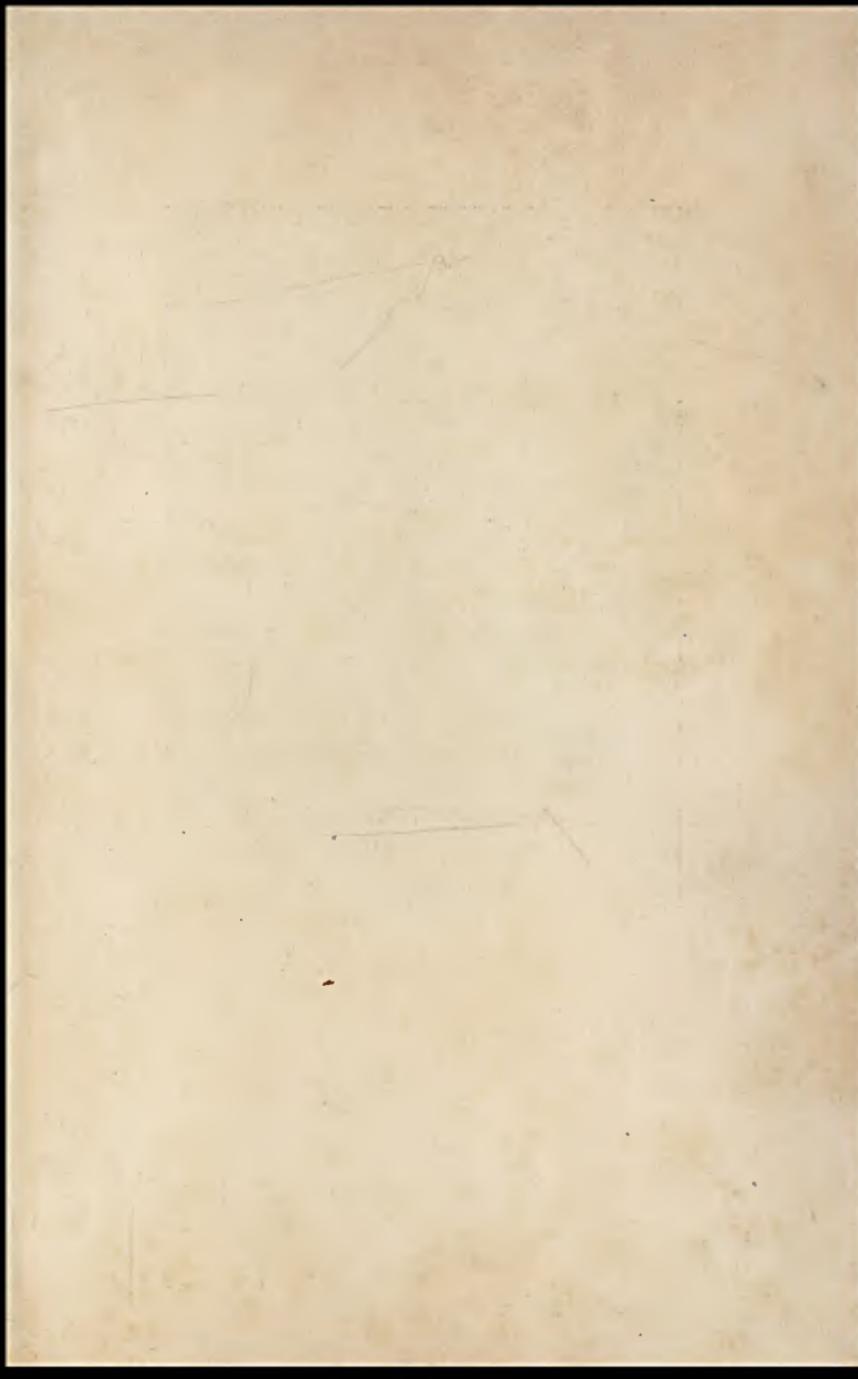


cm 1 2 3 4 5 unesp 7 8 9 10 11

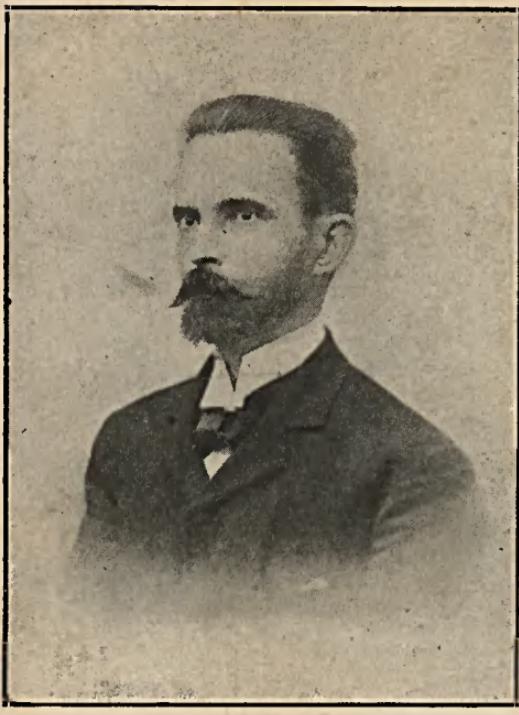
POESIAS

BIBLIOGRAPHIA DE RAYMUNDO CORRÊA

- Primeiros sonhos* — 1879 — S. Paulo.
Symphonias — Com prefacio de Machado de Assis — 1883 — Rio de Janeiro.
Versos e versões — 1887 — Rio de Janeiro.
Alleluias — Com carta-prefacio de Affonso Celso — 1891 — Rio de Janeiro.
Poesias — Com prefacio de D. João da Camara — 1898 — Lisboa — Parceria Antonio Maria Pereira.
» 2.ª edição — 1906 — Lisboa.
» 3.ª edição — 1910 — Lisboa.



cm 1 2 3 4 5 unesp 6 7 8 9 10 11 12



RAYMUNDO CORREA



POESIAS, 4.^a EDIÇÃO.

RAYMUNDO CORRÊA

Poesias

4.^a EDIÇÃO



EDITORES

ANNUARIO DO BRASIL — RIO DE JANEIRO

SEARA NÓVA — LISBOA

RENASCENÇA PORTUGUESA — PORTO

6082

BIBLIOTECA DA F. F. C. - ASSIS	
Date	8/6/1951
Tombo	C 821412
6082	luc

3869.1
C 8240
C 824
2. 124

I

VIVER! Eu sei que a alma chora
E a vida é só dor ingrata,
Pranto, que a não allivia,
Olhos, que o estão a verter...
Soffra o coração, embora!
Soffra! Mas viva! Mas bata
Cheio, ao menos, da alegria
De viver, de viver!

II

* * *

—

SER moça e bella ser, porque é que lhe não basta?
Porque tudo o que tem de fresco e virgem gasta
E destróe? Porque atraz de uma vaga esperança
Fatua, aerea e fugaz, frenética se lança
A voar, a voar?...

Tambem a borboleta,
Mal rompe a nympha, o estojo abrindo, avida e inquieta,
As antennas agita, ensaia o vôo, adeja;
O finissimo pó das azas espaneja;
Pouco habituada á luz, a luz logo a embriaga;
Boia do sol na morna e rutilante vaga;
Em grandes dôses bebe o azul; tonta, espairece
No ether; vôa em redor; váe e vem; sobe e desce;

POESIAS

Torna a subir e torna a descer; e ora gyra
Contra as correntes do ar; ora, incauta, se atira
Contra o tojo e os sarçaes; nas púas lancinantes
Em pedaços faz logo as azas scintillantes;
Da tenue escama de ouro os resquícios mesquinhos
Presos lhe vão ficando á ponta dos espinhos;
Uma porção de si deixa por onde passa,
E, enquanto ha vida ainda, esvoaça, esvoaça,
Como um leve papel solto á mercê do vento;
Pousa aqui, vôa além, até vir o momento
Em que de todo, enfim, se rasga e dilacera...

O borboleta, pára! O mocidade, espera!

III

VÂE-SE a primeira pomba despertada...
Vâe-se outra mais... mais outra... emfim dezenas
De pombas vão-se dos pombaes, apenas
Raia sanguinea e fresca a madrugada...

E á tarde, quando a rigida nortada
Sopra, aos pombaes de novo elles, serenas,
Ruflando as azas, sacudindo as pennas,
Voltam todas em bando e em revoada...

POESIAS

Tambem dos corações onde abotoam,
Os sonhos, um por um, celeres voam,
Como voam as pombas dos pombaes;

No azul da adolescencia as azas soltam,
Fogem... Mas aos pombaes as pombas voltam,
E elles aos corações não voltam mais...

IV

O VINHO DE HEBE

QUANDO do Olymbo nos festins surgia
Hebe risonha, os deuses majestosos
Os copos estendiam-lhe, ruidosos,
E ella, passando, os copos lhes enchia...

A Mocidade, assim, na rubra orgia
Da vida, alegre e prodiga de gosos,
Passa por nós, e nós tambem, sequiosos,
Nossa taça estendemos-lhe, vazia...

POESIAS

E o vinho do prazer em nossa taça
Verte-nos ella, verte-nos e passa...
Passa, e não torna atraz o seu caminho.

Nós chamamol-a em vão; em nossos labios
Restam apenas timidos resabios,
Como recordações d'aquelle vinho.

V

(v. HUGO)

—
—

O dia acorda! Deus por uma fresta
Das nuvens a espreitar, ri-se. A floresta,
O campo, o insecto, o ninho sussurrante,
A aldeia, o sol que tinge a serrania...
Tudo isso acorda, quando acorda o dia
No fresco banho de ouro do Levante.

Deus sonha! Vasa os olhos d'agua; pica
As arterias da terra; o liz fabrica;
E da materia sonda o fundo ovario;
Pinta as rosas de branco e de vermelho,
E faz das azas vis do escaravelho
A surpresa do mundo planetario.

POESIAS

Homens! As ferreas naus de velas largas,
Monstros revéis, formidolosas cargas
Do bruto oceano arfando ás insolencias;
Extenuando os ventos, e nos flancos
Longo enxamc a arrastar de frócos brancos
De escuma, c raios e phosphorescencias...

Os estandartes de arrogantes pregas;
As batalhas, os choques, as refregas;
Nauseas de fogo de canhões sangrentos;
Feroz carnificina dc ferozes
Batalhões -- bando espesso de albatrozes
De aza espalmada e aberta aos quatro ventos...

Comburentes, flammivomas bombardas,
Ignea selva de canos de espingardas,
Estampidos, estrepitos, clangores;
E, bebado de polvora e fumaça,
Napoleão, que galopando passa
Ao ruflar de frenéticos tambores;

A guerra, o saque, as convulsões, o espanto;
Sebastopol em chamas; de Lepanto

POESIAS

O vau de lanças e clarins repleto....
Homens! Tudo isso, enquanto recolhido
Deus sonha, passa e sóa ao seu ouvido,
Como o rumor das azas de um insecto!

VI

A CHEGADA

A Ezequiel Freire

VIMOS de longe; o guia váe na frente;
É longa a estrada... Aos rispidos estalos
Do impaciente latego, os cavallos
Correm veloz, larga e fogosamente...

Já estranho rubor inflamma o Oriente;
Rompe a manhã; cantam ao longe os gallos...
Que ledo campo entre risonhos vallos
Sevê! que fresco matinal se sente!

POESIAS

Eis de uma ponte rustica a passagem;
Em baixo as aguas refervendo bramam...
Está proximo o termo da viagem —

Eis a cidade enfim; os sinos clamam,
E as casas brancas — que feliz payzagem! —
Pelo pendor da serra se derramam...

VII

RENASCIMENTO

VENHA, apôs tanta lagrima bebida
E tanto fel provado, a doce e branda
Alegria, em que a murcha flôr se expanda
Do sorriso, e eu de novo surja á vida!

De novo em festas, gárrula e florida,
A alma se rasgue inteira — ampla varanda
Escancarada de uma e de outra banda
Ao fresco e á luz, de alegre sol batida...

[19]

POESIAS

Parta a loisa ao sepulchro que a devora,
E, livre assim d'essa mortal tristeza,
Desfeita em hymnos, vá pela floresta...

Vá pelo mar... vá pelo azul a fóra...
Derramando por toda a natureza
O pouco de illusões que inda me resta.

VIII

EVITERNO AMOR

ESSA historia do amor, que a uma só vida
Bilhões extráe, prolifico e fogoso,
Essa — ó genero humano desditoso! —
Enche o tempo, enche o espaço, indefinida...

Adão, o arrependido, e a arrependida
Eva, eil-os avexados, ante o iroso,
Bíblico deus, severo e rigoroso,
De quem toda essa historia é já sabida.

POESIAS

E elle, que em beijos e ais no Eden surprende
O agil mancebo e a adolescente linda,
Sobre ambos vingadora a dextra estende.

Arrepensem-se? Embora! O amor não finda,
Pois o par amoroso se arrepende
De ter amado, mas... amando ainda!

IX

PRIMEIRAS VIGILIAS

— — —

DOS revoltos lençóis sobre o deserto
Despejava-se, em ondas silenciosas,
O luar d'essas noites vaporosas,
De seu languido calix todo aberto.

Rangia a cama, e deslisavam perto
Alvas, femineas formas ondulosas;
E eu a idear, nas ancias amorosas,
Uns hombros nus, um collo descoberto...

[23]

POESIAS

E a gemer: — Abeirai-vos de meu leito,
O sensuaes visões da adolescencia,
E inflammai-vos na pyra em que me inflammo!

Fervem paixões despertas no meu peito;
Descáe a flôr virginea da innocencia,
E irrompe o fructo dolorido... Eu amo!»

O JURAMENTO

C AVALLEIRO, o juramento
São phrases soltas ao vento...
Ai de quem dér cumprimento
A tudo o que assim jurar!
— Mas como ha de ao juramento
Um cavalleiro faltar?!

Jura então, que do ciume
Jámais virá o azedume,

POESIAS

O amor, que mal se resume
Em beijos, afclear.

— Ai de mim, que o meu ciume
Eu não no posso domar!

Jura mais, que has de ao primeiro
Que suspeite de ligeiro
Meu coração, cavalleiro,
A tua luva atirar.

— Ai de mim! Fui o primeiro
Que d'isso ousou suspeitar!

Jura emfim, que has de, essa espada
Vibrando, a mulher amada
Por tal suspeita affrontada,
Com sangue desaffrontar.

— Ai de mim, que hei de esta espada
Contra mim mesmo voltar!

PASSEIO MATINAL

D^ESPERTA e vem! O vento borboinha
Pelos coqueiros tremulos; dardeja
O sol; e a luz sadia a alma deseja
Bebel-a aos góles... Ergue-te e caminha...

Minh'alma os teus anhelos acarinha,
E unida á tua, juncto d'ella adeja...
Mas tão unida, que eu não sei qual seja,
Qual seja a tua, nem qual seja a minha...

POESIAS

Rasga o cofre dos risos, como a aurora;
E ambos vamos, assim, rindo e cantando,
Cantando e rindo, pelo bosque afóra...

E ahí, das aves o medroso bando
Nos ninhos a espantar, vamos agora,
Como aves de outro genero, enxotando...

XII

VERSOS A UM ARTISTA

A Olavo Bilac

TU, artista, com zelo,
Esmerilha e investiga!
Nyssia, o melhor modelo
Vivo, offerece, da bellcza antiga.

Para esculpil-a, em vāo, arduos, no meio
Do esbrazeadas arcna,
Batem-se, quebram-se em fatal torneio,
Pincel, lapis, buril, cinzel e penna.

[29]

POESIAS

A Aphrodite pagan, que o pejo affronta,
Exposta núa do universo ás vistas,
Dos seios duros na marmórea ponta
Amammentando gerações de artistas,

Não na excede; e, ao contrario, em sua rica
Nudez, por mil espelhos,
Mostra o que ella não mostra, de pudica,
Do collo abaxio e acima dos artelhos.

Analysa-a, sagaz, linha por linha,
E á tão sagaz minucia apenas poupa
Tudo o que se não vê, mas se adivinha
Por sob a avara roupa...

Deixa que a roupa avara
Do peito o virginal thesoiro esconde,
E o mais, até... onde, perfeita e clara,
A barriga da perna se arredonda...

Basta-te á vista esperta
Revelar-se, atravez do linho grosso,
O alabastro da espadua mal coberta,
E o Paros do pescoço.

POESIAS

Basta que traia, como tráe, de leve,
O contorno flexuoso...
Basta esse rosto ideal — purpura e neve —
E a linha grega do nariz gracioso.

Um quasi nada basta, enfim, que tráia
Ao teu olhar agudo,
Para que este deduza, tire e extráia
D'aquelle quasi nada, quasi tudo...

—

Embora o olhar profano
Não possa ver o que ella só não nega
Ao lado avesso do grosseiro panno,
A cuja guarda os mimos nús entrega;

Nem leve brecha ao menos
Abra n'essa, onde fulge, aspera crôstra,
Como a perola — lagryma de Venus —
Rútila dentro de uma casca de ostra...

Desnuda-a imaginariamente; e a poma,
O ventre, o talhe esculptural da cinta,
E o amplo quadril pondo-lhe á mostra, toma
O teu pincel para pintal-a, e pinta!

Seus melindrosos traços aproveita;
E, ao fundo de um painel classico, aviva
As graças feminis d'ella — perfeita
Copia da formosura primitiva.

—
Pinta-a. Esse ignobil, rustico tamanco
Tira-lhe ao branco pé; e, por seu turno,
Calça-lhe o pé tão branco
(Mais digno de um cothurno) de um cothurno.

Mas não faças a idéa
De que o semblante vês, feroz e lindo,
Da tragicá Medéa
No theatro de Eurípides surgindo.

Não dês ao quadro qualquer tom mais negro;
Faze antes n'elle, em vividos fulgores,
Correr gárrula a nota de um «alegro»
De matizes, de tintas e de côres.

—
Pinta-a no Olympo, dominando-o todo
Com esses olhos claros,
Bellas e verdes... Verdes d'esse modo,
São mais preciosos, porque são mais raros.

POESIAS

Não sobre negros, horridos escolhos,
Mas de um oiteiro celebre na falda,
Á esmeralda do Egeu volvendo os olhos,
— Dois humidos abyssmos de esmeralda —

E onde do Hymelto a tribu sequiosa
E loira das abelhas
Lhe oscule o doce labio côr de rosa
E a doce côr de rosa das orelhas...

Ou da harpa antiga os mysticos segredos,
De Sapho as odes, de Timotheo os hymnos,
Frenetica, arrancando com seus dedos
Longos, alexandrinos...

Rasga-lhe em larga tela o largo mundo
Da Grecia; e amplos, remotos horizontes,
Onde se esfumem, pallidas, ao fundo,
As cordilheiras dos mais altos montes...

Onde, perpetua, a Primavera esvoace,
Abra em capellas mádidas, cheirosas,
E, em mil grinaldas tremulas, deslace
De Anacreonte as rosas...

POESIAS

E em torno d'ella tudo se reuna:
Da Arabia o incenso e a myrrha da Ethiopia;
E, dadivosa e prodiga, a Fortuna
Despeje a rica e farta cornucopia!

.

Ou deixa cntão da deusa de Cythera
Tudo o que em Nyssia vês... Para pintal-a,
Busca antes o ar de castidade austera,
Que ás scmi-deusas da Odysséa a eguala.

—

Pinta-a onde, ao pino, o sol da Libya ardente
Estanque o Nilo, que fecundo corre;
E, buindo o deserto incandescente,
Faisque, abraze, tórre,

Queime; espcdace os raios flammejantes,
— Como um milhão de espadas
Contra claros broqueis — contra os brilhantes
Zimborios das mesquitas elevadas:

POESIAS

Côza, encoscóre a adusta areia rubra;
Calcine-a; lamba em fogo os obeliscos;
De Memphis as pyramides encubra
De fuzis e de fulvidos coriscos;

Relampadeje enfim... Mas sem que tisne
A rija carnação d'ella, mais grata,
Mais doce aos olhos, que o candor do cysne,
Que no crystal do Eurotas se retrata;

Nem lhe deslustre, nem mareie a alvura;
E nem lhe decomponha a peregrina
Combinação, e a singular mistura
De anil, leite e nacár da pelle fina.

Pinta-a enfim — não em vasto peristylo
De capiteis corinthios, mas n'aquella
Sobria feição do estylo dorio, estylo
Que, por mais simples, é mais proprio d'ella —

Ao hombro a clamyde espartana, ao peito
A egide adamantina, erea, inteiriça,
No braço esquierdo o escudo, e no direito
A espada da Justiça.

POESIAS

Num Parthenon seu vulto assim conserva,
Sem os crespos florões de acanho e louro;
E eil-a ao molde da estatua de Minerva,
Feita por Phidias, de marfim e de ouro.

Então não queiras tu pôr em confronto
O original e a imitação já finda,
Para ver se, d'aquelle, n'esta um ponto,
Um toque, ou pincelada falta ainda;

Nem, na febre da esthetica, profunde
Mais teu olhar, buscando-lhe a nudeza
Perlustrar do seu corpo: mappa-mundi
Da suprema Belleza.

Poupa ás faces da deusa a onda purpurea:
Pinta-a, ideando-a só: o heril recacho,
O torso e o resto... Sem, tremenda injuria!
A tunica lhe abrires de alto a baixo...

XIII

CYTHERA

A Raul Pompeia

REBENTA o mar de encontro ao duro peito
Do alcantil, que a defesa entrada vela,
E vem lamber-lhe, em perolas desfeito,
As cardeas conchas da alvacenta ourela.

Neptunios deuses, ante a flôr mais bella
Da Ionia, em seu profundo e salso leito,
Estremecem de amor. Bate aos pés d'ella
O coração das aguas satisfeito...

[37]

POESIAS

Franjam-lhe o manto as algas e os sargaços;
Embalam-na rebombos e assobios;
E, envolta em doce, luminosa bruma,

Sente que a cingem com lascivos braços
Tritões e a osculam grossos beiços frios,
Boccas cheias de beijos e de espuma...

XIV

ODE PARNASIANA

A Lucindo Filho

DE cypreo mosto cheia
A taça ergui. Cogitabunda Musa,
Fuge os pezares. Eia!
D'esta alma a flamma viva affla, e enaltece-a!
Insuffla-me o estro; e, á minha vista illusa,
As pristinas grandezas patenteia
Da celebrada Grecia!

Musa, a Grecia, como antes
Do ultimo helleno, dá que eu sonhe agora!
Patria do genio ousado; de gigantes
Berço de oiro e de luz; Grecia immortal!

[39]

POESIAS

Ria-nos, Musa, o mundo hodierno, embora;
Em rapto audaz, nas rémiges possantes,
Transporta o meu ideal!

Mas, não; vôa serena!
Longe da turba egoista, que os meus gosos
Afelea e envenena,
Leva-me a um doce e placido recesso;
Como a Banville e a Mendes, gloriosos,
Levaste, além do inquieto e ovante Sena,
Ás margens do Permesso!

Vôa, serena! A pista
Do casquinho de Samos seguir deves,
De saphira, esmeralda, ambre, amethysta
E murice orna o olympico painel.
A harpa acrisola só no amor; e, em leves
Tintas, menos incommodas á vista,
Mergulha o teu pincel!

Do gesto aineno e brando,
Faze que, sem amaruimentos travos,
Borbote e, gurgulhando,
Mane a poesia — fonte clara e pura;
Quaes, na bocca de Pindaro, os seus favos
Mellisonas abelhas fabricando,
A encheram de doçura.

POESIAS

C'rôa a jucunda fronte
De myrto e rosas, que eu assim te quero,
E amoinda mais, Musa de Anacreonte!
Pulsar, em márcio, horrisono arrabil,
Cordas de bronze, é para as mãos de Homero:
A ti, de Erato coube a lyra insonte
E a avena pastoril.

Fuge a cruenta pompa
De Bellona, em que as furias tresvariem;
Trôe e retrôe a trompa
Bellicosa; num som risrido e agudo,
As disparadas frechas assoviem...
O atro tambor em roucos rufos rompa...
E Marte embrace o escudo!...

Na lympha crystallina
De Acidalia, onde immerge as formas núas,
Com as irmans, a candida Euphrosyna,
Tempéra a voz... Tu, Musa, que, ao sabor
De Teos, tão docilmente os tons graduás,
Entôa antes, na cithara argentina,
A mocidade e o amor!

Sobe o Menalo, extranho
Ás guerras; onde Pan, os tentadores
Contornos, vê no banho,
Da esquiva nympha, e a rude frauta inventa;

POESIAS

Cuja uberrima falda bróslam flôres;
E onde o zagal arcadio o alvo rebanho
E os olhos apascenta.

Olha: de cada gruta
À bocca, esvelta dryade sorri-se...
Estralam gargalhadas no ar, escuta:
Dentre ellas a de um fauno sobresáe;
É Silcno, e na eterna bebedice,
Deixa cahir no chão a taça enxuta,
E, temulento, cág...

E Baccho; eil-o assentado
Sobre um tonel; eil-o a empunhar vidente
Thyrso todo enramado
De cachos de uvas, de parreiras e heras;
E eil-o a voltar das Indias, novamente,
No molle coche triumphal tirado
Por lynces e pantheras...

Phebo, ao clarão do dia,
Já visivel nos torna a roxa face,
E a esplêndida quadriga luzidia
O Zodiaco em fogo a percorrer...
A solidão povâo-se. Desfaz-se
A nevoa, que as pupillas me cobria;
Abro-as, começo a ver!

Penetro o sumptuoso
Templo de Paphos, onde o culto é menos

Arcano e misterioso,
Que esse, que a Ceres tributára Eleusis;
E onde, ao cúpido olhar do amante, Venus
Desnúa o lacteo collo delicioso,
— Branco manjar dos deuses.

Na ave, na flôr, na planta,
E em tudo, ó Musa, a alma pagan respiras!
Lembre-te um corço a alipede Atalanta;
Faça-te a linda anémone lembrar
O filho incestuoso de Cinyras;
E Leda — o fallaz cysne, que levanta
A nivea pluma ao ar...

A ti não são defesos
Assumptos taes, eróticos assumptos.
Canta; e, em perlas accesos,
Musa, os dois olhos no Passado fita!
Como Castor e Pollux, sempre junctos,
São dois planetas mais, cravados, presos
Na abobada infinita...

Moteje embora o mundo!
Ria-nos essa turba impia e nojosa,
Sobre a qual cuspo o meu desdem profundo;
Misera e vil, curvada aos pés de um rei!
Vil e misera, sim; que ella não gosa
Da embriaguez divina, que ha no fundo
Da taça, que emborquei.

XV

BEIJOS DO CEU

SONHEI-TE assim, ó minha amante, um dia:
-- Vi-te no céu; e, enamoradamente,
De beijos, a phalange resplendente
Dos seraphins, teu corpo inteiro ungia...

Sanctos e anjos beijavam-te... Eu bem via,
Beijavam todos o teu labio ardente;
E, beijando-te, o proprio Omnipotente,
O proprio Deus nos braços te cingia!

[44]

POESIAS

Nisto, o ciúme — fera que eu não domo —
Despertou-me do sonho, repentina
Vi-te a dormir tão placida a meu lado...

E beijei-te também, beijei-te... e, ai! como
Achei doce o teu labio purpurino,
Tantas vezes assim no céu beijado!

XVI

MISSA DA RESURREIÇÃO

ERA um domingo da Resurreição,
Emma; e não foi por causa da preguiça
Mui desculpavel de acordar tão cedo,
Nem foi por falta de religião,
Que nós deixamos de assistir á missa.
No sabbado, na vespera, em segredo,
Tinhamos combinado firmemente
Ir para aquelle fim á egreja, embora
Esta distante meia legua esteja
Do feliz sitio onde morava a gente.

[46]

POESIAS

Eu não me lembro agora
Do santo que era o orago d'essa egreja;
Nem me lembra tão pouco, Emma adorada,
A que Nossa Senhora
Era ella consagrada;
Lembro-me só de que era
Em Abril, quando um sol de primavera
Fecha a estação das aguas, embebida
Em soledade e tedio; e só me lembro
De que a combinação feita por nós
Á risca foi cumprida.

Mau grado o frio atroz,
Que me pungia, inexoravelmente,
Regelando-me todo, membro a membro,
Levantei-me e sahi; mas, quando em frente
Cheguei da tua casa, á minha espera
Tu, Emma, estavas já, prompta e vestida.
Vi-te, pallida e bella,
Scismativa de esperar: sobre a janella
Fincado tinhas um dos cotovellos;
E, a barba sobre a mão nevirosada,
Fitavas o horizonte..
Além, aos poucos, humida e cheirosa,
De um pelago de fogo e sangue ardente
Onde uns restos da noite, tibiamente,
Boiavam inda, em turbidos novellos
Erguia a madrugada,
Cheia de virginal, candido alvor,

A alabastrina fronte
A que adornava só, como uma rosa,
Como uma rosa branca nos cabellos,
A estrella do Pastor!
Mal me viste, calçando, em breve instante,
As luvas e envolvendo o busto airoso
Numa capa de lã (a ventania
Uivava fóra, rispida e glacial)
Presto, a escada desceste, tiritante,
A ter commigo qué esperava ancioso
A porta do quintal.
Que frio atroz! E a capa te envolia
Toda e (lembra-me bem) de modo tal,
Que d'esse rosto ingenuo, unicamente,
Dois olhos de azeviche, enamorados,
E a ponta de um nariz mimoso eu via;
Assim, ó Emma, entre os frouxeis dos ninhos,
Occultos e de frio inteiriçados,
Os passarinhos deixam ver sómente
A ponta côr de rosa dos biquinhos...

As estradas, por ora,
Solitarias, desertas inda estavam;
Mas quantas distracções por ellas fóra
Depois nos aguardavam!
Hirtas, nos frouxos veus dos nevoeiros,
Com as franças em languido abandono,
As arvores tremendo pareciam
Cabecear de somno;

POESIAS

Da aurora os sylphos querulos gemiam;
Pelos bambús, em bamboleios lento,
E na espatha e nas palmas dos coqueiros
Remexiam-se os ventos...

Após curtos momentos,
Iam-se já rarefazendo as brumas;
Passaros já nenhuns, aves nenhumas
Dormiam em seus ninhos solitarios;
A Fauna inteira despertava em festa;
Sentia-se um bater de azas e plumas;
De alleluias os céus se iam pejando;
Cantavam pintasilgos e canarios
Entre as ramas espessas
De uma espessa floresta;
E, abrindo o vôo, um bando
De annuns, garrulo e louco,
Passava gazeando, chilreando,
Sobre as nossas cabeças...

É a luz ia erescendo, pouco a poueo...
Era uma fresea e linda
E amena madrugada;
De cada arbusto á fronde verde e erespa
De pimpolhos, de gommos e de flôres,
Pendurava-se ainda
Em farrapos a nevoa; o sol vestia
Os montes, em redor, de arnezes de ouro;
Pela eerula abobada anilada

POESIAS

Sussurrava e corria
Vivo, alegre zum zum... Era o besouro,
A mosca, o maribondo, a abelha, a vespa,
As metallicas azas a vibrar;
Eram fulvos enxames zumbidores
Estremecendo, scintillando no ar...

Nós seguimos mudos e sósinhos...
No molle chão pisado ias gravando,
Emma, os vestigios do teu passo breve;
E o jasmíneiro, os braços agitando,
Sacudia a teus pés, sobre os caminhos,
Os pequeninos calices de neve...
Pelas corollas tumidas de orvalho
Suspirava um favonio, carinhoso,
Com invisiveis mãos pulsando, leve,
Doce alaúde, ou bandolim mavioso;
De cada mobil galho
Cahia um luminoso
Pinga d'agua, um aljofar, uma gemma...
E enlaçavam-se, em róridas capellas,
Dos matagaes sobre a opulenta coma,
As róxas fiôres da Quaresma, ó Emma!
Nos sylvestres rosaes, das esponjeiras.
Nas lividias grinaldas amarellas,
De inquietas borboletas bandoleiras
A tribu azul seu pabulo procura...
Quanto suave aroma!
Quantos beijos e musicas na aragem!

[50]

Que vegetal pujança e formosura
 E viço: E tudo verde, verde... E tudo
 Verde, sem ser monotono, que, enfim,
 Para quebrar essa monotenia
 Da cõr, ás vezes, um morango ria
 Vermelho, entre a folhagem,
 Como em tunica verde de velludo
 Um botão de rubim...

Nós iamos seguindo; e, em torno, immensa,
 Ia desenrolando-se a paizagem...

Ora -- uma varzea extensa,
 Onde pavões garridos pompeavam,
 E, em triumpho, ostentavam
 O papo azul, a rutila plumagem,
 E o vivo colorido cambiante
 Da cauda cheia de olhos que, offuscante,
 Como um leque chinez ao sol abriam...

Ora -- regatos, faceis serpejando
 Entre seixos e flôres, indolentes,
 Que, como em leitos de carmim, fluiam,
 Nas palhetas rubentes

Do iris, de acceso vermelhão tingidos;
 Regatos, pelos quaes, de quando em quando,
 Os passos, Emma, viamos tolhidos,
 E que saltavas, trefega, molhando
 A fimbria dos vestidos...

Ora -- entre bordas de virente alfombra,
 Adormecido á sombra,

Misterioso lago, que se esconde,
 — Liso espelho de prata —
 De um bosque sob a cupola odorosa:
 Cuja lympha tranquilla
 Em seu crystal copia as folhas; e onde
 Um palmipedo niveo a vaporosa
 Forma duplica na agua que o retrata,
 E uma flecha de luz, tremula, oscilla...

Mais e mais se animava o quadro. Sôam
 Vozes humanas já. Um homem passa,
 E, tirando o chapéo, nos comprimenta;
 E outro apôs... E os caminhos se povôam,
 À proporção que a claridade augmenta.
 A matinal reblina se adelgaça;
 E destaca-se aléni, no azul infindo,
 De cada alegre chaminé subindo
 Em tenues espiraes tenue fumaça...
 Vinham de um lado e de outro camponezes,
 Casaes de gente rustica trajada
 Festivamente, a rir... A todo o instante,
 Para a beira da estrada,
 Transeuntes brutaes nos arredavam:
 — Eram de ovelhas hartas greys que, ás vezes,
 Por nós, atropellando-se, passavam...
 Eram, cheios de alforges, mais adiante,
 Cargueiros animaes... Eram, depois,
 Grandes carros de lenha carregados,
 Que chiavam, tirados

POESIAS

Por tres juntas de bois
Robustos e grosseiros,
Rasgando, em fofa terra, fundos trilhos,
E os bois iam marchando resignados
E tardonhos, ao toque dos pampilhos,
E ás pragas dos carreiros...

Quanto tempo perdemos! Todavia,
A egreja estava perto,
Que um dos gallos da torre apparecia
Já, rompendo o nevoeiro matutino...
Nós o passo estugámos; mas, de certo,
Foi em vão que estugámos, Emma, o passo;
Em vão, pois, por desgraça tua e minha,
Era tarde! Troando pelo espaço
Amplio e sonoro, repicava o sino;
As gyrandolas rapidas voavam;
E, como um formigueiro, em confusão,
Da egreja ondas de povo borbotavam...
Meu Deus! A missa terminado tinha!
Perdeste a missa da Resurreição!

XVII

NUVEM BRANCA

DIZEI-ME: é ella a noiva casta e pura,
Que no alvôr d'essa nuvem rutilante,
Passa agora? Dizei-me, neste instante,
Turbilhões de translucida brancura;

Collar, broches de perolas e opalas;
Gaza que, em niveos floccos, por formosas,
Rijas pomas de marmore, ondulosas
Curvas e espaduas de marfim, resvalas...

[54]

POESIAS

Dizei-me, branca, virginal capella;
Nitida espuma de nevadas rendas;
Alvos botões de lancheira; prendas
Symbolicas do amor; dizei-me: é ella?

É ella a noiva? É mesto, ou prazenteiro,
Seu doce olhar? Sorri alegre, ou chora,
Seu semblante gentil occulto agora
Do espesso véu no alvissimo nevoeiro?

É ella, sim! Su'alma, entre os fulgores
Das claras tochas candidas e ardentes,
Nas cherubicas azas transparentes,
Vôa, festiva, a um thaçamo de flôres...

Mysterios nupciaes, só vos devassa
Um louco amante! Ao seu olhar ancioso
Velaes debalde o archanjo, o astro radiosso,
Que, dentro d'essa nuvem branca, passa....

XVIII

A UMA CANTORA

CANTAVAS. Sobre mim, frecha ligeira
Passou zumbindo no ar... Amor, que estava
Juncto a ti, contra um'alma delle escrava,
Despedira-a com mão pouco certeira.

Mas vendo assim baldada essa 'primeira
Frecha, outra arranca da luzente aljava;
Vibra-a; e esta, emfim, aguda se me crava
N'alma... Arranca depois uma terceira...

[56]

POESIAS

E eu clamo: «Estou ferido! Estou ferido;
Suspende, Amor!» O Amor não nos faz brecha
Só pelos olhos, minha doce amada;

Pelos olhos não foi; foi pelo ouvido,
Foi pelo ouvido, que me entrou a frecha:
Sinto inda n'elle a dôr d'essa frechada.

XIX

PLENA NUDEZ

EU amo os gregos typos de escultura:
Pagans nús no marmore entalhadas;
Não essas producções que a estufa escura
Das modas cria, tortas e enfezadas.

Quero em pleno esplendor, viço e frescura
Os corpos nús; as linhas onduladas
Livres; da carne exuberante e pura
Todas as saliencias destacadas...

[58]

POESIAS

Não quero, a Venus opulenta e bella
De luxuriantes formas, entrevel-a
Da transparente tunica atravez:

Quero vel-a, sem pejo, sem receios,
Os braços nús, o dorso nú, os seios
Nús... toda núa, da cabeça aos pés!

XX

IXION

A deusa amante e desejada é ella!
Todo o amor em meu seio arfa e redundo.
Abraço-a -- e verga ao braço que a circumda;
Beijo-a -- e, corando, inda se faz mais bella.

Abraço a Juno ou, louco, abraço aquella
Nuvem de ouro illusoria e vagabunda?!
Minha ventura, ó ceus, é tão profunda,
Tão larga e tanta, que eu duvido della!

POESIAS

Que lindos olhos! Que venusto e lindo
Gesto... Beijo-a de véras, ou supponho
Beijal-a só, num sonho doce e infindo?...

Não! Durmo; e o despertar vai ser medonho!
Durmo; e sonho de certo, assim dormindo!
Quem me assegura que eu não sonho? Eu sonho!

XXI

CONCHITA

A DEUS aos philtros da mulher bonita;
A esse rosto hespanhol, pulchro e moreno;
Ao pé, que no *bolero*... ao pé pequeno,
Pé que, aligero e célebre, saltita...

Lyra do amor, que o amor não mais excita,
A um silencio de morte eu te condemno;
Despede-te; e um adeus, no ultimo threno,
Soluça ás graças da gentil Conchita:

POESIAS

A esses, que em ondas se levantam, seios
Do mais cheiroso jambo; a esses quebrados
Olhos meridionaes de ardencia cheios;

A esses labios, enfim, de nácar vivo,
Virgens dos labios de outrem, mas corados
Pelos beijos de um sol quente e lascivo.

XXII

JESSICA

BREVE, a purpura em flôr dessa pudica
Bocca, a beijal-a algum Romeu se atreve,
E o pudor, desse rosto sobre a neve
E a dupla rosa, rosas multiplica...

Hontem — creança ainda era Jessicá,
Hoje — é moça; e não tarda que lhe enleve
A alma um feitiço novo e estranho; e, breve,
Seu ninho virginal deserto fica...

[64]

POESIAS

Ao principio — creança, enche-lhe a vida
Toda um sentir diverso; depois — ama;
Ama, eis tudo: adejou, váe-se em seguida...

— Ave, que vôa de uma flórea rama
Para outra rama flórea, seduzida
Pelo cantar do passaro que a chama.

XXIII

ZULMIRA

—
QUANDO Zulmira se casou... Zulmira
Era o mimo, a frescura, a mocidade;
— Languido gesto, estranha suavidade
Na voz — soluço de ineffavel lyra;

Um candor, que não ha quem não prefira
A tudo, e esse ar de angelica bondade,
Que embellece a mulher, mesmo na edade
Em que, esquia, a belleza se retira...

POESIAS

Não sei porque chorando toda a gente,
Quando Zulmira se casou, estava:
Bello era o noivo... que razões havia?

A mãe e a irmã choravam tristemente;
Só o pae de Zulmira não chorava...
E era o pae, afinal, quem mais soffria!

XXIV

TRISTEZA DE MOMO

PELA primeira vez, impias risadas
Susta em prantos o deus da zombaria;
Chora; e vingam-se delle, n'esse dia,
Os sylvanos e as nymphas ultrajadas;

Trovejam boccas mil escancaradas,
Rindo; arrombam-se os diques da alegria;
E estoira descomposta vozeria
Por toda a selva, e apupos e pedradas...

POESIAS

Fauno o indigita; a Nálide o caçôa;
Satyros vis, da mais indigna laia,
Zombam. Não ha quem d'elle se condôa!

E Echo propaga a formidavel vaia,
Que além, por fundos boqueirões rebôa
E, como um largo mar, róla e se espraia...

ANIMA CHLORIDIS

ROLA a foice de Ceres luminosa
No azul... Flora, vens já, que a alma te sente
No ether fino, na luz, na agua, na umbrosa
Selva, e em tudo te aspira avidamente.

Vens... Na brisa odorifera e orvalhosa,
Passas... Abre o puniceo cravo ardente,
Abre a magnolia esplendida, abre a rosa,
Abre o alvissimo lirio, redolente...

POESIAS

Passas... Que incenso o corpo teu vapora!
Resinas, flores... tudo, na ampla nave
Do templo de Vertumno, estilla e cheira.

Deixa-me, ebrio de ti; deixa-me, Flora,
Haurir-te a essencia, o espirito suave,
E, em extasis, beber tua alma inteira!

XXVI

SONHO TURCO

A Lucio de Mendonça.

—
NASAH, o miseravel thracio, um dia,
Em vãos anhelos e ancias vans se enfuna;
De um acceso cachimbo o fumo o embala...
(Mahmú reinava então) Nasah dormia;
E apparece-lhe em sonhos a Fortuna:
«Nasah, ergue-te e escuta!» Assim lhe falla —

POESIAS

«Eu darei vida a tudo o que anhelares,
Mesmo aos teus mais excentricos anhelos;
Sumptuosos, magnificos harenos,
Parques cheios de caça, amplos pomares,
Castellos e castellos e castellos...»

Vê: tudo isso aqui tens!

«Queres thesoiros mais? — Ás tuas plantas,
Todo o Oriente gemmifero fulgura.
Queres sceptro e diadema? Cinge-os. Queres
Luxo e volupias? — Eil-as taes e tantas:
Mulheres e cavallos, com fartura,
Bons cavallos e esplendidas mulheres.

«Queres mais? — Dou-te prodiga, a mãos eheias,
Beryllos e rubis; dou-te o thesoiro
Do persio golfo: perolas, eoraes...
Oiro fluido pereorra as tuas veias;
Seja oiro tudo o que tocares: oiro
Duro — em montanhas, liquido — em eaudaes.

«Vês bazares, kiosques e mesquitas?
Torres pyramidaes, que o musulmano
Sol, de aureas eôres tinge e de sinopla?
Largas praças e ruas infinitas,
Onde á luz ferve um formigueiro humano...
Vês? É Constantinopla!

«Eis a Sublime Porta, onde scintilla
O Crescente de prata; e o throno, eis, d'onde,
Já morto, acaba de tombar Mahmú!»
«Que nova eu ouço! » — diz Nasah a ouvil-a —
«Sou eu hoje o Grão Turco?» — E ella responde:
«Hoje o Grão Turco és tu!»

Orna-lhe fulva pedraria o manto
Regio; tiram-lhe o plaustro resplendente
Nedias parelhas de possantes urcos...
Prostra-se o povo... Passa Allah? Nem tanto:
Passa um sultão apenas, simplesmente
O Imperador dos Turcos!

E elle, seguido dc uma extensa linha
De janizaros, váe, do esplendoroso
Céu de Byzancio sob o pallio azul;
E, entre festivas pompas, se encaminha
Para o mais rico, para o mais faustoso
Serralho de Stambul.

Entra; é só dellc este serralho inteiro;
Guardam-no eunuchos mil de fronte baça,
E alfanjes mil a dardejar faiscas...
Entra, e acolhe-o um sussurro lisongeiro,
Lisongeiro sussurro, que perpassa
Numa nuvem de flôres e odaliscas.

POESIAS

Uma é da Armenia; com desleixo, estende
A negligente perna em molde e brando
Coxim... Olhos saudosos de Erivan;
Olhos castanhos que a paixão accende;
Languidos olhos humidos, boiando
Em luz; gêmeos da estrella da manhan...

Outra é circassiana: a espalda, o busto
E as torres de marfim das pomas núas,
De fresca e rija carnadura, ostenta;
Tronco de estatua, torso alvo e robusto,
Que, em duas firmes pernas, como em duas
Firmes columnas de alabastro, assenta.

Outra é filha de Bósnia: arfa radiante;
Ou vingança, ou ciume, lhe guarnece
De lindas garras côr de rosa a mão;
Desde o entono do collo á roçagante
Cauda, rainha triumphal parece:
Collo de cysne, cauda de pavão...

Outra é nubia talvez; no olhar, que vibra,
Ha philtros infernaes, e estranhos gosos
Nos seios bronzeos, fartos e desnudos;
E ha em seu corpo o viço e a tenaz fibra
Dos vegetaes dos tropicos, lustrosos,
Lanceolados, rispidos e agudos...

Outra é mestiça — rara flôr do Egypto:
A par dos labios sensuaes que osculam,
E a redondez feininea dos quadris,
Mostra um temperamento hermaphrodito;
Tem braços, que os amantes estrangulam,
Musculosos, elasticos, viris...

Outra... São tantas! Tantas a enleval-o,
Mais, que as huris, formosas!
Como polygamo e amoroso gallo,
Nasah... Que digo?! O Grão Senhor delira!
A aza arrastando a innumerias esposas,
Nem sabe qual prefira.

A sultana qual é, dentre essa turma
De captivas gentis? Qual mais ao grado
Será do Grão Senhor?
A eleita qual será, com que Elle durma,
Como um céu de verão, todo estrellado,
Sobre uma varzea em flôr?!

Nisto, nos braços da visão aerea,
Subito acorda o miseravel thracio:
Foi-sc a Fortuna que, mendaz, o engana...
Acorda, não sultão, mas na miseria;
Acorda, não em rutilo palacio,
Mas na humilde choupana.

POESIAS

«Mal hajas tu, mendaz Fortuna! Certo,
Que enorme dita, ou desventura enorme,
É tudo um sonho!» — diz Nasah emfim —
«Tu fazes que Mahmú sonhe, desperto,
O que sonha um vil thracio, enquanto dorme,
E de ambos vives a zombar assim!»

XXVII

FLOR AZUL

A flôr azul pendia murcha; e, agora,
Eil-a outra vez erguida
N'hastea, a sorrir, fresca, cheirosa e bella.
Que Nume, com o arom'a e a côr, a vida
Lhe deu, de novo? A aurora?
A brisa? O orvalho? A luz?...
— Não! foi aquella
Pallida nympha, cujo olhar piedoso
Na flôr poisára, ha pouco: — da saphira
Desse olhar, na do calice oloroso,
Uma lagryma tremula cahira...

XXVIII

VESPER

— —

O seu fastigio azul, serena e fria,
Desce a noite outonal, augusta e bella;
Vesper fulgura além... Vesper! Só ella
Todo o céu, doce e pallida, alumia.

De um mosteiro na cupola irradia,
Com frouxa luz... Em sua humilde cella,
Contemplativa e languida á janella,
Triste freira, fitando-a, se extasia...

POESIAS

Vesper, envolta em deslumbrante alvura,
O nuvens, que ides pelo espaço afóra!
A quem tão longo olhar volve da altura?

Que olhar, irmão do seu, procura agora
Na terra o astro do amor? O olhar procura
Da solitaria freira que o namora.

[80]

9.124

XXIX

POEMA DA NOITE

A Narcisa Amalia

TÉUS cantos o esplendor e a formosura
Da noite exalçam... Languido arripiô
Percorre as folhas... Que fragrancia pura
Respira em torno o laranjal sombrio!

Dece palpita a brisa na espessura
Das sebes vivas... Suspiroso, o rio
A ribanceira em flôr beija, e murmura
A espreguiçar-se no seu leito frio...

POESIAS

É um poema de amor, que eu ouço; ha tantas
Rosas a abrir no campo; e, cento e cento,
Rompem astros no paramo infinito...

Canta. Eu releio o poema, que tu cantas,
Nessa pagina azul, que o firmamento
Desdobra, todo em letras de ouro escripto...

XXX

DESDENS

REALÇAM no marfim da ventarola
As tuas unhas de coral — felinas
Garras, com que, a sorrir, tu me assassinas,
Bella e feroz... O sandalo se evola;

O ar cheiroso em redor se desenrola;
Pulsam os seios, arfam as narinas...
Sobre o espaldar de seda o torso inclinas
Numa indolencia morbida, hespanhola...

POESIAS

Como eu sou infeliz! Como é sangrenta
Essa mão impiedosa, que me arranca
A vida aos poucos, nesta morte lenta!

Essa mão de fidalga, fina e branca;
Essa mão, que me attráe e me afugenta,
Que eu afago, que eu beijo, e que me espanca!

XXXI

MUSA ALDEAN

—
CORRE, alazão impaciente,
Vôa, rasga a nevoa fria
Desta manhan!
Conduze-me incontinente
Aos pés da forte e sadia
Musa aldean!

Vôa, sim, que te dão azas
O desejo e a ancia que agita
Meu coração;

POESIAS

Breve, a meus olhos, as casas
Dessa aldeia, que ella habita,
Se mostrarão...

Cá, entre hervas mal coberto,
Sergeja um rio... Um moinho
Se move além...
Tudo me diz que está perto;
Que este trecho do caminho
Me lembra bem.

Bem me lembra; aqui a estrada
Se encaracola, alli desce,
Sóbe acolá;
E a aldeia branca entornada
Por traz da egreja apparece...
Chegamos já.

—
Os sinos tangem. Da aldeia
Na rua, que ajuntamento
Tão singular!
De povo a rua está cheia,
À espera do casamento,
Que vai passar.

POESIAS

E, por entre os murmurinhos
De tão curiosa gente,
A procissão
Dos convivas e os padrinhos,
Com os dois noivos na frente,
Passando vão.

Marcha com desembaraço
O noivo e, bizarro e moço,
Chibando vem;
Traz a noiva pelo braço...
Que braço redondo e grosso,
Que a noiva tem!

Que braço! Mas, céus, que vejo?!
A noiva és tu?! Quem diria,
Rosa do amor?!
Papoila do meu desejo,
És tu?! Capaz quem seria
De tal suppôr?!

Leva abrigados da aragem,
À nuca presos, compridos
E sensuaes,
Como de um corvo a plumagem,
Os cabellos, em brunidos,
Negros torçaes.

POESIAS

Cáe da grinalda á cintura
O frouxo véu, malicioso
Rosto a enrublar;
E entre essa nevoa fulgura
O Vesper de um languoroso
Madido olhar.

Olhos negros, grandes olhos,
Que o amor accende num vivo
Lume fallaz,
E o fino til dos sobrolhos,
Como em brando augmentativo,
Maiores faz!

Que effluvios delles emanam!
Já de olhos taes nos ardores
Minha alma ardeu;
Ou são os meus que se enganam,
Ou esses enganadores...
Conheço-os eu.

O noivo, que se não zangue:
Que ella é hoje, eu não me esqueço,
Sua mulher.
Prudencia! Effusão de sangue
Não haja, que por tal preço
Ninguem na quer!

POESIAS

Se a perdel-a eu me resigno,
Sobre isso não vale a pena
 Perder-me a mim;
Demais, fôra menos digno
Algum escandalo, ou scena
 De espadachim....

Guardo no emtanto em memoria
Os ineffaveis momentos...
 Mas, por quem sois,
Contar não vos devo a historia
De uns beijos, de uns juramentos
 Rotos depois....

A historia é vulgar; e, em summa,
A essa historia semelhantes
 Ha tantas mais!
Um casto incenso a perfuma;
Tem colloquios entre amantes,
 Suspiros e ais...

— — —

Un dia, na mais calmosa
Sazão, sob as laranjeiras,
 Junctos e sós,
Ella, a noiva, ella, a medrosa,
Trinou-me as juras primeiras,
 Com doce voz.

POESIAS

E essa voz inda no ouvido
Me sôa, como o trinado
De um rouxinol,
E inda, sobre mim pendido,
Lhe vejo o rosto corado
De pejo e sol.

E um beijo... mas não se zangue
O noivo, que eu não cobiço
Sua mulher.
Prudencia! Effusão de sangue
Não haja, que a troco disso
Ninguem na quer.

Um beijo por fim se esquece
E ella hoje, que está casada,
Tudo esqueceu;
É como se não se dêsse
O beijo e mais nada, nada
Do que se deu.

XXXII

PRIMAVERIL

D ESPERTOU; e eil-a já, fresca e rosada,
Na vareza em flôr, que se atavia e touca
Da primavera ao bafo, e onde é já pouca
A neve, ao sol fundida e descoalhada...

E em sua tremula, infantil risada,
A bocca abrindo, patenteia, a louca,
Rico escrinio de perolas da bocca
Na pequenina concha nacarada...

POESIAS

Vôa, as papoilas esflorando e as rosas...
Passa entre os jasmineiros que se agitam,
Ás vezes celere e pausada ás vezes...

E, sob as finas roupas vaporosas,
Seus leves pés, precipites, saltitam,
Pequenos, microscopicos, chinezes...

XXXIII

CHUVA E SOL

A GRADA á vista e á phantasia agrada
Ver-te, atravez do prisma dos diamantes
Da chuva, assim ferida e atravessada
Do sol pelos venaculos radiantes...

Váes e molhas-te, embora os pés levantes:
— Par de pombos, que a ponta delicada
Dos bicos mettem n'água e, doidejantes,
Bebem nos regos cheios da calçada...

POESIAS

Váes, e, apesar do guarda-chuva aberto,
Borrifando-te, colmam-te as gotteiras
De perolas o manto mal coberto;

E estrellas mil cravejam-te, fagueiras,
Estrellas falsas, mas que, assim de perto,
Rutilam tanto, como as verdadeiras.

XXXIV

NOITES DE INVERNO

EMQUANTO a chuva cár, grossa e torrencial,
Lá fóra; e emquanto, ó bella!
A lufada glacial
Tamborila a bater nos vidros da janella;

Dentro, esse aureo torçal
Do cabello que, rico, em ondas se encapella,
Deslaça; e o alvor ideal
Do teu corpo á avidez do meu olhar revela;

POESIAS

Porque, á avidez do olhar
Do amante, é grato, ao menos,
Dessas noites no longo e monotonio curso,

— Claro como o luar —
Ver um busto de Venus
Surgir nú dentre as lans e dentre as pelles de urso.

XXXV .

ARIA NOCTURNA

DA janella em que olhando para fóra,
Bebes da noite o incenso a longos tragos,
Claro escorre o luar... Em sonhos vagos,
Atraz da sombra espreita, rindo, a aurora...

Longe uns dolentes, musicos afagos,
Sentes?... Não é o rouxinol, que chora
Nas balsas, nem o vento que desflora
A toalha friússima dos lagos...

POESIAS

É elle: e vaga toda a noite, emquanto
O luar macilento e o campo floreo
Tresuam molle e perfido quebranto...

Não lhe ouças, filha, o canto merencorio!
Fecha a janella e foge, que esse canto
Vem da guitarra de D. Juan Tenorio!

XXXVI

COERULEI OCULI

(TH. GAUTIER)

CERTA mulher mysteriosa,
Que me allucina, costuma
Manter-se em pé, silenciosa,
Juncta ao mar, que ferve e espuma...

No olhar onde o céu se pinta,
Que palheta singular,
Ao amargo azul, a tinta
Glauca mistura do mar?!

[99]

POESIAS

Na languorosa pupilla
Boia uma tristeza vaga,
E a lagryma que vacilla
E rola, o seu lume apaga.

Lembram-me os cilios suaves,
A palpitar, branca e exul
Tribu de aquáticas aves
Sobre o indefinido azul...

Qual d'água no transparente
Prisma, do olhar se devassa
No fundo, nitidamente,
Do rei de Thule a aurea taça;

E, entre a alga e o sargaço, a gemma
Mais rara deslumbrá, e estão
De Cleopatra o diadema
E o annel do rei Salomão;

E a irradiação irisada
Das pedrarias se accende;
E a corôa da ballada
De Schiller fulge e resplende.

POESIAS

Mago prestigio me enleia
E ao fundo abysmo de luz
Me arrasta, como a sereia,
Que a Harald Harfagar seduz;

Me arrasta á ignota voragem,
Até que eu nella me arroje
Traz da impalpavel imagem,
Que, aerea e fatua, me foge...

6082

N'agua esconde a nympha bella
A cauda argentea; e o brancor
Da espadua lisa revela,
Corando, da espuma á flôr...

Incha e, como um seio, arqueja
A vaga; em morbido accento,
Na cava concha solfea,
Soluça, resona o vento...

«Vem, reclina-te em meu leito
De ambar, e o saibo de fel
Das ondas verás, desfeito,
Manar-te da bocca, em mel;

POESIAS

«O pelago estoira e zune
Por cima; e a paz aqui mora,
Sem que o rumor a importune
Das tempestades de fora...

«Vem! Sem tedio, nem bocejos,
O esquecimento immortal
Bebamos junctos, dos beijos
Pelo copo de coral!»

Assim é que a voz me falla,
Desse olhar, que me extasia;
E ao fundo d'agua, a escutal-a,
Desço... E o hymeneu principia...

XXXVII

UM SONETO DE LOPE DE VEGA

A Francisco Sodré

UCINDA, a loira, quando a um'ave abria
Certa vez a gaiola, a prisioneira,
Da gaiola escapando-se ligeira,
Deixou confusa a moça... E esta dizia:

«Ave, porque me foges e erradia
Vôas? Talvez nos bosques forasteira,
Laço, armadilha ou bala traiçoeira
De fallaz caçador te aguarde um dia!

POESIAS

Porque ao risco e ao perigo dás a vida?
Porque...?» — Mas nisto, de queixosa, em pranto
Desfez-se toda a pallida senhora...

E a ave á gaiola volta commovida,
Commovida por vél-a chorar tanto,
Que tanto pôde uma mulher que chora.

XXXVIII

A AVE-MARIA

—
A VE-MARIA! Em quanto nas campinas
As «boas-noites» abrem, mysteriosas
Bocas exhalam no ar phrases divinas,
Como suave emanação as rosas...

O noivas do infortunio lacrymosas,
Creanças loiras, morbidas meninas,
Orphãs de lar e beijos, que, piedosas,
Ergueis ao céu as magras mãos franzinas!

POESIAS

Quando rezaes, ás horas do sol-posto,
A *Ave-Maria* assim, no azul parece
Sorrir-se a Virgem-Mãe aos desvalidos;

Nossa Senhora inclina um pouco o rosto
Para escutar melhor tão meiga prece,
Hymno tão doce e grato aos seus ouvidos.

XXXIX

ANOITECER.

A Adelino Fontoura

ESBRAZEA o Occidente na agonia
O sol... Aves em bandos destacados,
Por céus de oiro e de purpura raiados,
Fogem... Fecha-se a palpebra do dia...

Delineam-se, além, da serrania
Os vertices de chamma aureolados,
E em rudo, em torno, esbatem derramados
Uns tons suaves de melancolia...

POESIAS

Um mundo de vapores no ar fluctua...
Como uma informe nodoa, avulta e cresce
A sombra á proporção que a luz recúa...

A natureza apathica esmaece...
Pouco a pouco, entre as arvores, a lua
Surge tremula, tremula... Anoitece.

XL

SÓSINHA

— — —

E tarde, e elles não vêm! O dia finda,
E, extinto archote, tomba o sol... Á estrada
Lança os olhos, aneiosa, e não vê nada!
Recolhe-se á cabana, e espera ainda...

Cerra-se a noite em toda a curva infinda
Dos céus... E elles não voltam da eaçada!
E ella tão só!... Já pende fatigada,
Cheia de sonno, a sua fronte linda.

POESIAS

Dorme. Alta noite acorda. Os cães latiam
Fóra, e julgou ouvir, confusamente,
Como um tropel, na solitaria rua...

Antojou-se-lhe logo, que seriam
Elles, e a porta abriu... Ninguem! Sómente,
Por trás da serra, ia se erguendo a lua...

A CAVALGADA

A lua banha a solitaria estrada...
Silencio!... Mas além, confuso e brando,
O som longiquo vem se approximando
Do galopar de extianha cavalgada.

São fidalgos que voltam da caçada;
Vêm alegres, vêm rindo, vêm cantando.
E as trompas a soar vão agitando
O remanso da noite embalsamada...

POESIAS

E o bosque estala, move-se, estremece...
Da cavalgada o estrepito que aumenta
Perde-se após no centro da montanha...

E o silencio outra vez soturno desce...
E limpida, sem macula, alvacenta
A lua a estrada solitaria banha...

XLII

CONTINÚA...

—

VOU prosegir a narração sentida
Das nostalgias e dos dissabores
Da minha longa ausencia, mas se fores
Capaz de ouvil-a sem chorar, querida.

Para a Hespanha, em Outubro, na partida
Da primavera, no cahir das flôres,
Segui... É esta pagina (não chores!)
A pagina peior da minha vida!...

POESIAS

Captivou-me uma dama de Sevilha,
Foi isso um crime que julguei nefando;
Tive remorsos!... (Porque choras, filha?)

Vejo-te hoje tão pura, como quando
Parti... (O pranto nos teus olhos brilha!)
Ora! não continuum: estás chorando!...

XLIII

DESPEDIDAS

LUCIA teve um desmaio no momento
Em que Amphryso partiu; a loira Alice,
De Antenor despedindo-se, lhe disse:
«Váe, que comtigo váe meu pensamento!»

Fez Julia a Arthur um grave juramento;
E Amelia, num accesso de doidice,
Protestou que, se a Alfredo não mais visse,
Não na veriam mais, que num convento!

POESIAS

Tu não! Nem desse olhar o azul celeste
Desmaiou; nem de phrases prévio estudo,
Como as outras fizeram, tu fizeste;

Quando eu parti, teu labio esteve mudo;
Tu, formosa Leonor, nada disseste,
Mas, sem nada dizer, disseste tudo!

XLIV

LEMBRANÇA

— —

JUNCTO da fonte múrmura, offegante,
Outra fonte dos olhos te nascia;
E me disséste... Ai! tudo inda brilhante
Tenho em mente: o logar, o instante, o dia...

Tudo; só me não lembra o que dizia
Teu labio, e isso porque, chorosa amante,
Porque naquelle instante eu nada ouvia,
Tão doloroso me era aquelle instante.

POESIAS

Tua voz tinha um timbre harmonioso,
Que, qual musica vaga e imaginaria,
Inda me fere o ouvido suspiroso;

Inda me sôa, como flébil aria
Modulada num calamo queixoso,
Tenue, longiqua, branda, solitaria...

NO OUTOMNO

A ardencia em vão te aplaca ao labio lindo
Esse angelico sopro e halito ameno:
-- Vento outomnal de longes campos vindo
Cheios de fresco, de oloroso feno...

Antes, sob o anilado espaço infindo,
Vissemos nós, verdes, em flôr, e em pleno
Ar, humidas do choro do sereno,
As laranjeiras virginæs sorrindo...

POESIAS

Antes, da primavera o sol que amamos,
Seus dardos a espalhar entre os abrolhos
Hispido manto dos penedos brutos —

E em vez dos fructos de oiro, que ha nos ramos,
Antes, querida, vissem nossos olhos
As flores, que eram berços desses fructos...

XLVI

FASCINAÇÃO

TODO o teu ser contemplo agora; e é quando,
Só para o contemplar até prescindo
Do meu; e enquanto o meu se vae sumindo,
Vae o teu aos meus olhos avultando...

Assim quem vae o pincaro galgando
De uma alta serra, do horizonte infindo,
Nota que, á proporção que vae subindo,
Se vae em torno o circulo ampliando...

POESIAS

E, infimo em face da amplidão tão grande,
Fôsco, a pupilla, com pavor, expande...
A baixo mares vê, selvas, cidades,

Montanhas... E até onde o olhar attinge,
À immensidade esplendida, que o cinge,
Vê ligarem-se mais immensidades...

XLVII

FANTINA

EMQUANTO ao peito maternal unida
Tens do infante a boquinha côr de rosa,
Que — inexoravel, soffrega ventosa —
Te suga o leite, o sangue, a força, a vida;

Não é, mulher invalida e abatida,
Mais que a tua a alegria generosa,
Que o pelicano juncto á prole gosa,
Quando da propria carne a vê nutrita.

[123]

POESIAS

Ao filho, ó mãe, que no lençol doirado
Envoltó dorme, tacito e tranquillo,
Desse loiro cabello desmanchado,

— Manche-te a infamia, embora, o sacro asylo —
Do virginal pudor esfarrapado
Inda um farrapo tens para cobril-o!

XLVIII

SOROR PALLIDA

— —

BEM haja inda esse raio solitario
Da luz que, tanta, em mim resplandecia;
Esse que — unico e triste alampadario —
As ruinas d'esta alma inda alumia;

E a piedosa visão, que ante o sacrario
Da antiga fé se ajoelhou, sombria,
E, pelas negras contas do rosario,
O rosario das lagrimas desfia...

POESIAS

Bem haja essa que, pallida e marmorea,
Do amor extinto inda soluça o nome,
Debulhando-lhe as syllabas ao vento;

E inda depõe no tumulo, onde a gloria,
O sonho, a vida, a luz... tudo se some,
Uma flôr, uma phrase, um pensamento.

XLIX

PEREGRINAS

VEJO-AS inda passar, pallidas, bellas;
Ouço-lhes inda as vozes amorosas.
Fallando aos valles: — que extendal de rosas!
E aos céus fallando: — que porção de estrellas!

Almas em flôr, e resoando nellas,
Doce, a guzla das aves, em radiosas
Manhãs a arder em purpura, e, cheirosas,
A orvalhar-lhes as candidas capellas...

POESIAS

Iam aírás de uma illusão, de um ninho,
De uma nuvem, de um echo... e, já prostradas,
Vejo-as todas em meio do caminho...

Chora-as o sol das mesmas alvoradas;
E eil-as dormindo, ao capitoso vinho
Dessas lagrymas de oiro embriagadas.

L

LUIZINHA

**A Gaspar da Silva*

A Luizinha é gárrula e ridente.
Inquieta sempre, a todo o mundo encanta
Seu gracioso olhar intelligente.

Sorri, doideja, papagueia, canta...
Como que, louco, um rouxinol não cessa
De gorgear-lhe dentro da garganta.

Ardem-lhe n'alma candida e travessa
Sóes e festas... A edade lhe colora
As faces, lourecendo-lhe a cabeça.

POESIAS

Vejo-a eu nos jardins ás vezes, ora
Brincando, ora fugindo, ora correndo
Por áleas cheias de festões a fóra...

Vejo-a, e cuido uma dryada estar vendo,
Por entre os claros de uma selva basta,
Apparecendo e desapparecendo...

Ella me delicia, ella me arrasta
A idéa, por suavissimo declivio,
Ao valle azul de uma poesia casta.

E ora a vejo ameigar, como um allivio,
O avô — ancião de rosto austero e duro,
De niveas barbas e cabello nivco —.

É como, num dialogo o Futuro
Juncto ao Passado encanecido, ou como
Uma violeta aos pés d'um velho muro.

Fita-a a Mãe com ternura, e, assomo a assomo,
Reproduzida vê sua alma inteira
Neste gracioso e pequenino tomo.

POESIAS

Uma essencia balsainica e fagueira
O seu jasmineo corpo em torno expira,
Como a flor virginal da laranjeira.

E ella, quando os dois olhos de saphira,
Duas amendoas lucidas, lavadas
De luar, para mim vira e revira,

Eu, ás regiões sidéreas, constelladas,
Lhe ascendo, pelos raios da pupilla,
Como por mil esplendidas escadas...

Sua luz vae-me ao intimo, tranquilla:
Tal, no fundo d'um pantano, uma estrella
Buliçosa reluz, languida oscilla...

Belleza ingenua! Ingenuidade bella!
Como realçaria, romanesca,
No claro-escuro de uma alegre téla!

Sua risada trina pittoresca;
E é cada beijo seu, para os sedentos,
Como um limpido copo de agua fresca.

POESIAS

Como vaga que, em musicos accentos,
Arqueja em margens de nacár, lhe arqueja
A voz na bocca, em murmurinhos lentos.

Franze-lhe o fino labio de cereja
O riso, a dôr jámais... Trefega e linda,
Papeia, e, sem parar, arfa e moureja.

Moureja, e aquelle mourejar não finda.
E aquelle afan de jubilo em que estúia,
Para findar é muito cedo ainda.

Entre espumeos lençoes, raios de lua,
Frouxeis de nuvens e halitos de flôres,
O seu gentil espirito fluctua...

E, nos deslumbramentos e esplendores
Da infancia, um turbilhão borboleteia
De prismaticos sonhos furta-córes;

Multiformes visões... tudo lhe ondeia
Na alma... Bem longe d'ella, ó Realidade,
Teu pavoroso pélago estrondeia!...

POESIAS

Tagarella e sorri... Como não hade
Rir e tagarellar, se és tão risonha,
O primavera da primeira edade;

Da vida a róta é arida e enfadonha,
E em quanto a nós a raiva nos abraza
E nos devora a colera, — ella sonha!

Da tua filha, amigo, a debil aza
Nunca te falte; é teu broquel: — Luiza
É o anjo tutellar da tua casa.

Como é fraca, entretanto: quasi a pisa,
Quasi a machuea o matutino e leve
Sôpro de leve e matutina brisa;

A aza da abelha, o fróculo da neve,
A ceusa enfim que a gente mais estime
Por dôce e fragil, por macia e breve;

A perola, o alfenim, a haste do vime,
A filigrana mais eustosa e rara...
Quanto ella é debil, nada d'isso exprime.

POESIAS

Nada!... Nem ha constillação mais clara;
Nem iris mais benigno que a esperança,
Que os labios seus de risos aljofara.

E o que é que do candor d'esta creança
Daria idéa? E idéa o que daría
D'essa medrosa e angelica esquivança?

Lembra um passaro quando principia
As azas a bater; lembra uma corça
Blanca e selvagem, timida e bravia.

É fraca; mas não ha quem se não torça,
Por mais forte, perante essa fraqueza:
Se essa fraqueza é toda a sua força!

Ante o perigo, ás vezes, a incerteza,
Mais que a incerteza mesmo, a inconsciencia,
É do indefeso a unica defesa.

Vence-a a desgraça? não. Luiça vence-a,
Ou azas tem para fugir-lhe, e vôa,
Sim, que não faltam azas á innocencia:

Orna-a dos risos a infantil corôa,
E fulge mais do que uma de brilhantes
A dos risos, que á infancia se afeiçôa.

Do Futuro vislumbra as faiscantes
Longes paizagens, mundos accendidos
Aos fogos de crepusculos distantes...

A illusão de luciferos vestidos
Traja-a, rútila, em volta se lhe entorna,
Vela-lhe os olhos e enche-lhe os ouvidos.

Por isso o céu, que a tempestade adorna
De nimbos, e onde os vendavaes estrugem,
Ante ella, todo em roscleter se torna;

O mar, em vagas que espuinando rugem,
Sobre os parceis, onde estrebucho e brama,
Cospe a salgada e livida babugem,

Porém, captivo, os seus coraes em rama,
E todo o seu recondito thesouro:
Perolas e ambar... a seus pés derramia;

POESIAS

Calmando os brados e afrouxando o choro,
Amaina o vento a perpassar os dedos
Dos seus cabelos pelas ondas de ouro;

E, freneticos, pelos arvoredos
Sóam trinos e beijos, em cardume,
Turturinos, puríssimos e ledos...

Vida illusoria! O coração resume
Tudo o que é casto e bello; e é como um frasco
De inalterado, oriental perfume;

Nelle jámais se aninha odio, nem asco,
E tudo isso no nosso jaz occulto,
Como um reptil na fenda de um penhasco!

Em nós o orgulho augmenta e toma vulto,
Nella a doçura toma vulto e augmenta;
A infancia, amigo, nos merece um culto!

Tu em batalhas vives, e a sangrenta
Luz de teu gladio os cenhos iracundos
Dos monstros que combates, afugenta;

POESIAS

Pela egualdade e o amor — esses dois mundos
De um puro ideal, arrostas a matilha
Dos sequazes dc Pluto — cães immundos...

Mas o heroe indomavel, se uma filha
Tem, cujo olhar no fundo de su'alma,
Como no fundo de um sacrario, brilha,

Domado está, que a pequenina palma
Da mão d'essa Dalila pequenina
Lhe tolhe os pulsos e o furor lhe acalma.

E quebra-se-lhe a espada adamantina
Qual de Samsão a força temerosa,
Nos dedos de uma timida menina.

Não faz, amigo, o que ella faz, nem gosa
De igual prestigio a mais feliz rainha!
Mansa leôazinha valorosa...

Vê como é forte a fraca Luizinha!

LI

PEREGRINA

I

ZAGAES do monte que um lindo
Rebanho estais a guardar,
— Essa em pós da qual vou indo,
Acaso a vistes passar?

Fonte entre seixos filtrada,
— Não veiu ella aqui beber?
Florinhas que orlais a estrada,
— Não vos veiu ella colher?

POESIAS

E vós, peregrino bando
De andorinhas a emigrar,
— Essa em cujo encalço eu ando,
Não na vistes vós passar?

II

Sem responderem, lá se iam
As andorinhas pelo ar;
E as florinhas não sabiam
Resposta nenhuma dar;

E a agua corrente da fonte
Corria sem responder;
E os pobres zagaes do monte
Nada sabiam dizer.

Mas, no fim da estrada, havia
Uma pedra tumular:
Esta, ai! sim, responderia,
Caso pudesse falar.

TENTAÇÕES DO ERMO

O asceta que trocára os bens mundanos
Pelo mystico pão amargurado,
Deixa agora o retiro, onde, isolado,
la, na paz de Deus, contando os annos?!

É que elle, quando aos laços e aos enganos
Do mundo se esquivou, tinha um peccado:
Em Virgilio e em Catullo era versado,
Em Ovidio e outros classicos profanos...

POESIAS

E um dia, indo apanhar hervas ao monte,
E o pucaro de barro encher na fonte.
Viu... (Ou seria uma illusão talvez)

Viu surgir entre as moitas a Serpente:
Uma nymph... e vestida unicamente
Da tentadora, feminil nudez.

LIII

CLOTILDE

—

CLOTILDE, por um dos sonhos
Que embalam teu coração,
Que berços d'harpas, Clotilde,
Te embalarão!

Clotilde, por um só lirio
Dessa florente sazão,
Que mãos de fada, Clotilde,
Te enfeitarão!

[143]

POESIAS

Clotilde, apenas em cambio
De um beijo infantil e são,
Que boccas d'anjos, Clotilde,
Te beijarão!

Clotilde, empresta uma nota
A meu plectro humilde, e, então,
Que lindos cantos, Clotilde,
Te encantarão!

MADRIGAL

O loiro Julio um passarinho caça,
 E a doce Estella vem-lhe ao pensamento:
 «Vou dal-o á Estella, diz com brando accento,
 A Estella cheia de candura e graça.»

Põe-no sob o chapéo (que em tal momento
 Lhe falta uma gaiola) e, em quanto passa
 A catar algum vime com que faça
 A gaiola, estas phrases solta ao vento:

POESIAS

«Em paga disso um beijo, um só me dares,
É pouco: mais de dez, mimosa Estella,
Te hão-de roubar meus soffregos desejos...

Mas o vento o chapéo lhe arroja aos ares:
A ave, liberta assim, vôa... e com ella
Lá se foram tambem todos os beijos...

LV

NA PONTA DE UMA FLECHA

O Deus loiro, rosado e nú, que os poetas
Pintam de aljava ao hombro e arco cingindo,
E, como os seraphins e as borboletas,
Com um par de azas palpitante e lindo;

O menino pagão, que, nas inquietas
Pupilas de alguns olhos, móra; e, rindo,
Ahi ás vezes se diverte, settas,
De dentro para fóra, despedindo;

POESIAS

Um dia a taes prazeres se abandona
Dentro de vossos olhos, e, imprudente,
Em um dos olhos fere a propria dona...

Eil-a a flecha nefasta; eu vol-a entrégo...
Resta um dos olhos só, mostrando á gente
Que o amor não é completamente cégo.

LVI

A SELVA DO LEÃO

SOBRE estes robles inda paira a imagem
Da morte; aqui tombaram, cento e cento,
Pilhas de heroes, e o fulvo Leão cruento
Rugiu ébrio de sangue e de carnagem...

Inda se sente a fervida bafagem
Da peleja, e inda o lugubre lamento
Se ouve dos mortos, no ulular do vento,
Que nos troncos soluça e na ramagem...

POESIAS

Quedam no eterno sonno tenebroso
Aqui, onde, da abobada infinita,
A aguia fixou outr'ora o olhar medroso;

Mas sua alma inda aqui, brava, se agita,
E é seu valente coração que, ancioso,
Na raiz destas arvores palpita.

LVII

VULNUS

—

COM bons olhos, quem ama, em torno tudo vê,
Folga, estremece, ri, sonha, respira e crê;
A crença doira e azula o circulo que o cinge;
Da volupia do bem o grau supremo attinge!

Eii tambem attingi esse supremo grau:
Tambem fui bom e amei, e hoje odeio e sou mau!
E as culpadas sois vós, visões encantadoras,
Virgineas desleaes, desleaes Eleonoras!

POESIAS

Minha alma juvenil, ignea, meridional,
Num longo sorvo hauriu o perfido e letal
Philtro do vosso escuro e perigoso encanto!

A vossos pés rasguei tantos castellos! Tanto
Sonho se esperdiçou! Tanta luz se perdeu!...
Amei: nem uma só de vós me comprehendeu!

LVIII

O MONGE

— — —

“O coração da infancia — eu lhe dizia —
É manso.» E elle me disse: «Essas estradas,
Quando, novo Elizeu, as percorria,
As creanças lançavam-me pedradas...»

Falei-lhe então na gloria e na alegria;
E elle — alvas barbas longas derramadas
No burcl negro — o olhar sómente erguia
Âs céralas regiões illimitadas...

POESIAS

Quando eu, porém, fallei no amor, um riso
Subito as faces do impassivel monge
Iluminou... Era o vislumbre incerto,

Era a luz de um crepusculo indeciso
Entre os clarões de um sol que já vae longe
E as sombras de uma noite que vem perto!...

LIX

PLENILUNIO

A LÉM nos ares, tremulamente,
Que visão branca das nuvens sáe!
Luz entre as franças, fria e silente;
Assim nos ares, tremulamente,
Balão acceso subindo váe...

Ha tantos o!hos nella arroubados,
No magnetismo do seu fulgor!
Lua dos tristes e enamorados,
Golphião de scismas fascinador!

POESIAS

Astro dos loucos, sol da demencia,
Vaga, noctambula apparição!
Quantos, bebendo-te a refulgencya,
Quantos por isso, sol da demencia,
Lua dos loucos, loucos estão!

Quantos á noite, de alva sereia
O fallaz canto na febre a ouvir,
No argenteo fluxo da lua cheia,
Allucinados se deixam ir...

Tambem outr'ora, num mar de lua,
Voguei na esteira de um louco ideal;
Exposta aos euros a fronte nua,
Dei-me ao relento, num mar de lua,
Banhos de lua que fazem mal.

Ah! quantas vezes, absorto nella,
Por horas mortas postar-me vim
Cogitabundo, triste, á janella,
Tardas vigilias passando assim!

E assim, fitando-a noites inteiras,
Seu disco argenteo n'alma imprimi;
Olhos pisados, fundas olhciras,
Passei fitando-a noites inteiras,
Fitei-a tanto, que enlouqueci!

POESIAS

Tantos serenos tão doentios,
Friagens tantas padeci eu;
Chuva de raios de prata frios
A fronte em braza me arrefeceu!

Lunarias flores, ao feral lume,
— Caçoilas de opio, de embriaguez —
Evaporavam letal perfume...
E os lençoes d'agua, do feral lume
Se amortalhavam na lividez...

Fulgida nevoa vem-me offuscante
De um pesadelo de luz encher,
E a tudo em roda, desde esse instante,
Da côr da lua começo a ver.

E erguem por vias enluaradas
Minhas sandalias chispas a flux...
Ha pó de estrellas pelas estradas...
E por estradas enluaradas
Eu sigo ás tontas, cego de luz...

Um luar amplo me inunda, e eu ando
Em visionaria luz a nadar,
Por toda a parte; louco arrastando
O largo manto do meu luar...

LX

OS CIGANOS

(PARAPHRASE)

A José Veríssimo

I

UM dia, ao fim de incomoda jornada,
De uma longa jornada por mim feita,
Com perigos não menos do que danos,
Ao crepusculo vi, na volta estreita
De sinuosa estrada,
Tres farrapados, miserios ciganos.

[158]

POESIAS

Um — da viola amiga, unida ao peito,
Dedilhando-lhe as cordas, indolente,
Tirava brandos sons... Que ar satisfeito!
Que ar de satisfação completa havia
No seu moreno rosto, que o poente
De rubra e vigorosa côr tingia!

Outro — aspirando o seu cachimbo, ocioso,
Nas espiraes do fumo azul deixava
Pacerem-se-lhe os olhos, descuidoso...
E tinha, entre os farrapos, o ar tranquillo,
O ar de quem de mais nada precisava,
O ar de quem para quem bastava aquillo.

Dormia o ultimo á sombra da ramagen,
E sobre elle a oscillar — quadro risonho! —
Pendia um par de cymbalos que a aragem
Resonava ao passar, leve e fagace...
Tambem a doce aragem de algum sonho
Pelo seu coração talvez passasse...

II

Os tres ciganos miseròs... Que digo?
Miseros somos nós; misero o louco,
Como eu ou tu, amigo,
Que, tendo em muito o que elles têm em pouco,

Empós de um sonho vão em vão se cança.
Qual! Nem esse appetite immoderado
 De gloria e de fortuna;
Nem viver da saudade e da esperança;
 Nem rever o passado,
Ou prever o futuro, a alma conforta.

Antes pela existencia andar á tunia:
Somno, viola e fumo, e ao Deus dará...
O que passou, já lá se foi — que importa? —
E o que ha de vir, por sua vez virá!
Para a dôr do viver, que nos devasta
E que beijo nenhum de amor consola,
Os ciganos fizeram-me sentir,
Que, das tres cousas, uma só nos basta:
 — Tocar viola,
 Fumar cachimbo, ou dormir.

PELAGO INVISIVEL

SENTES-LHE, acaso, o soluçoso grito,
Os bravos éstos, o guaiar plangente?!
Ah! Ninguem vê, mas todo o mundo sente
Dentro, n'alma, um Atlântico infinito...

De um mar á borda eu me debruço afflito...
Não mires a este espelho a alma innocent!
Verto ahi, muita vez, meu pranto ardente;
Muita vez, clamo; muita vez, medito...

POESIAS .

E elle, ora, inchado, estoira e arqueja e nuta;
Ora, turgido, a c'rôa victoriosa,
De rutilante espuma, aos céus levanta;

Ora, placido, offéga... e só se escuta
A saudade — sereia mysteriosa,
Que em suas praias infinitas canta...

SAUDADE

A Henrique de Magalhães

A QUI outr'ora retumbaram hymnos;
Muito coche real nestas calçadas
E nestas praças, hoje abandonadas,
Rodou por entre os europejs mais finos...

Arcos de flôres, fachos purpurinos,
Trons festivaes, bandeiras desfraldadas,
Gyrandolas, clarins, atropelladas
Legiões de povo, bimbalhar de sinos...

POESIAS

Tudo passou! Mas dessas arcarias
Negras, e desses torreões medonhos,
Alguem se assenta sobre as lageas frias;

E em torno os olhos humidos, tristonhos,
Espraiia, e chora, como Jeremias,
Sobre a Jerusalem de tantos sonhos!...

LXIII

TRES ESTANCIAS

—
I

INTERROGASTE o lirio immaculado,
Na leda estancia, na vernal sazão;
Interrogaste o lirio immaculado
E respondeu-te o infante, loiro irmão
Dos cherubins, no limiar sentado
Da existencia, a sorrir — lirio em botão.

II

Interrogaste a flôr da laranjeira,
Entre corymbos, na sazão do amor;
Interrogaste a flôr da laranjeira,
E respondeu-te a virgem, sob o alvôr
Da gaze, «eu amo» a segredar fagueira,
Noiva, a cingir da laranjeira a flôr.

III

Hoje interrogas o cipreste esguio,
Hoje, que em torno tudo é morto já;
Hoje interrogas o cipreste esguio,
Que, juncto ás campas, de atalaya está:
As derradeiras folhas tombam, frio
Soluça o vento...
Quem responderá?!

LXIV

MAL SECRETO

— — —

SE a colera que espuma, a dôr que mora
N'alma, e destróe cada illusão que nasce,
Tudo o que punge, tudo o que devora
O coração, no rosto se estampasse;

Se se pudesse, o espirito que chora,
Vê atravez da mascara da face,
Quanta gente, talvez, que inveja agora
Nos causa, então piedade nos causasse!

POESIAS

Quanta gente que ri, talvez, comsigo
Guarda um atroz. recondito inimigo,
Como invisivel chaga cancerosa!

Quanta gente que ri, talvez existe,
Cuja ventura unica consiste
Em parecer aos outros venturosa!

HORACIO FLACCO

JULGO eu que, em tua sabia e conselheira
Musa, mais invejavel é... (não digo,
Que o dom de até no ardor, proiecto amigo,
Ser sempre a mesma: — sobria e verdadeira;

Nem digo que esse engenho e essa maneira
Com que ella, das virtudes o aureo trigo
Ceifado ao campo do bom senso antigo,
Pingue, abastoso e uberrimo, joeira...)

POESIAS

Mais invejavel digo que é, e o julgo,
A sciencia não vulgar de, em companhia
Della, e olvidado do profano vulgo,

Dentro em ti mesmo, achares essa pura
Paz de espirito e essa intima alegria,
Que debalde entre os homens se procura.

LXVI

O MISANTHROPO

A bocca, ás vezes, o louvor escapa
E o pranto aos olhos; mas louvor e pranto
Mentem: tapa o louvor a inveja, enquanto
O pranto a vesga hypocrisia tapa.

Do louvor, com que espanto, sob a capa
Vejo tanta dobrez, ludibrio tanto!
E o pranto em olhos vejo, com que espanto,
Que escarnecem dos mais, rindo á socapa!

POESIAS

Porque, desde que esse odio atroz me veiu,
Só traições vejo em cada olhar venusto?
Perfidias só em cada humano seio?

Acaso as almas poderei sem custo
Ver, perspicuo e melhor, só quando odeio?
E é preciso odiar para ser justo?!

LXVII

TEMOR

Esses momentos breves
De ventura, e em que um raio doce aclara
Um trecho á tua tenebrosa vida:
 Saboreal-os deves,
Esses momentos de fugaz ventura.
— Esta é como exquisita fructa rara,
Por muito rara, muito appetecida;
Fructa, cujo sainete pouco dura,
Saboreada com vagar, embora;
Deleita o gosto, assim saboreada,
Porém, soffregamente devorada,
Mata ás vezes o louco que a devora!

POESIAS

Que o teu labio sorria
Em quanto a dôr sopita não desperta,
Nem vem do intimo goso que elle cala,
Discreto e receioso,
Nenhum rumor alegre despertal-a.
Como um vinho acre-doce, da alegria
Ao saibo ás vezes mescla-se o amargoso
De uma tristeza incerta
E vaga... Aos tristes disfarçal-a custa;
Pois, por um só prazer, mesquinho e raro,
A desventura cobra-se tão caro,
Que aos tristes o menor prazer assusta!

LXVIII

OS ARGONAUTAS

(J. M. DE HEREDIA)

D E Palos — como, a errar, longe do azul natal,
Os gerifaltos vão... — em chusmas, audaciosos,
Avidos capitães, pilotos cubiqüosos,
Partiram navegando empós de estranho ideal...

Vão conquistar além, das minas do metal,
Que Cipango enthesoira, os veios fabulosos;
Sonham, boiando em luz, paizes mysteriosos,
Praias, climas, regiões do mundo occidental...

POESIAS

Sulcam assim, mar alto, infatigavelmente...
Miragens tropicaes, longe, enganosamente,
Esboçam construcções e torres de oiro no ar...

E elles á prôa vão das alvas caravelas,
Vendo só, despenhado em turbilhões de estrellas,
Todo o infinito céu sobre o infinito mar...

LXIX

PESADELO

—

PENETRO a estancia funebre e sombria,
Extremo leito da mulher amada;;
E ergo a loisa, que a cobre — despojada
De toda a graça ideal, que a revestia:

Da belleza, onde um casto amor sorria,
Pudica e doce, nada resta, nada!
Núa de carnes, só a branca ossada,
Que apalpo e sinto fria, fria, fria...

POESIAS

E, o sonno seu eterno interrompendo,
Clamo... Da noite o vento álgido corta,
Cáe neve e é gelido o esplendor da lua...

Então, a erguer-se, pávida, tremendo
De frio e com pudor, me diz a *morta*:
«Cobre-me! Ha tanto frio e estou tão núa!»

LXX

BEIJO POSTUMO

Do meu primeiro amor, eis-lo, o templo em ruina!

No estomago da morte, atro e voraginoso,
Essa carne ideal, deliciosa e fina,
Cahiu como um manjar fino e delicioso!

E antes que tudo venha a supurar em flôres,
Sob o pudor da morte os membros seus inermes
Têm de ser fatalmente o pabulo dos vermes
Frios e roedores...

POESIAS

E o beijo que pedi e ella jámais me deu,
Que em vida quiz colher e nunca foi colhido,
Cáe do seu labio como um fructo apodrecido...

Ó beijo virginal! fructo que apodreceu!

—
BACCHO, quando pequeno,
Pelo chorudo semi-deus Sileno
Era educado.

Um dia, juntamente,
Buscam, mestre e discípulo, o recesso
Mais escuso, recondito e tranquillo
Do antigo bosque consagrado a Apollo;
Sitio, onde a luz solar, escassamente,
Com precauçāo, entre o aranhol espesso
Dos sycomoros filtra; e, em cujo solo,

POESIAS

Misturadas a sombra e a claridade,
Num crepusculo vago, arfam confusas...

É este o ameno asylo,
Que entram, propicio a conversar as musas.
Ahi do estio o ardor penetra a custo,
Fresco o recinto, amplo silencio o invade,
Favoravel á scisma, temperado
Pelo barulho alegre da agua, apenas,
Que entre cascalhos se deriva clara,
E as freneticas, doidas cantilena
Dos ninhos vivos...

Para
Dos deuses estudar a lingua, ao lado
De alto carvalho solidio e robusto
Assentam-se ambos...

Era
Um carvalho que o tempo não pudera
Tombar; que de seu rijo tronco vira
Varões surgir da edade de oiro, e, outr'ora,
Oracuols, solemne, proferira...
Trás delle, vê-se um joven Fauno agora.
Baccho ahi a licção começa, e, attento,
Uns versos em Calliope apprendidos
Recita ao mestre... O esperto e malicioso
Fauno o escuta; e a sorrir, de quando em quando,
A Silcno, o bom velho pachorrento,
Com gestos ia os erros commettidos
Pelo pueril discipulo, indicando...
As Naiades e as nymphas da sagrada
Selva tambem sorriam zombeteiras

Em roda...

O Fauno era um censor gracioso;
Bella cabeça pampinosa, ornada
Dos rubicundos cachos das parreiras;
Qual verde charpa, em linhas sinuosas,
Da espada varonil, muscula e dura,
Qual verde charpa, em linhas sinuosas,
E o corpo envolto, abaixo da cintura,
Tinha na pelle mosqueada e grossa
De uma panthera, que escorchado havia...
Baccho impaciente, emfim, porque não possa
Já supportar, mais tempo, a zombaria
Desse aristarcho intruso e provocante,
Que prompto sempre a escarnecer estava,
Quando elle, em tono menos elegante,
O verso lia, ou quando o verso errava:
— «Porque ousas tu zombar (com voz terrivel
Diz) de um filho de Jupiter?!»

Soturno,

Assim fallando, com despeito cerra
O cenho ao Fauno...

E o Fauno por seu turno:

— «Porque ousas tu errar?! (calmo e impassivel
Diz) Um filho de Jupiter não erra!»

LXXII

ELMANI TABERNULA

Libemos

Almo, rubro licor, que géra os risos,
E a memoria tenaz de acerbos males
Apaga...

BOCAOE

A QUI, nem tenue lagryma a esmeralda
Do olhar lhe enturbe mais; nem mais lhe dôa
O escarro com que a inveja lhe ennodôa
Os loiros vivos da cabeça.

Do ideal, que a vasta fronte a arder lhe escalda,
A sede aqui lenir busque; e a alegria
Beba aos cópos; e exulte e cante e ria
E os odios finalmente esqueça...

[184]

POESIAS

Censurem-no homens de provecta edade;
Desdenhe-o a hypocrisia; e, por maldade,
O vulgacho escarninho mófe;

Que importa? se elle ao menos sente
Aqui bater-lhe o coração contente,
E o coração contente lhe enche a estrophe!

LXXXIII

A VENUS DE VIENNA

(ARMAND SYLVESTRE)

QUANDO — ó deusa pagan, cujo esplendor fulmina—
De ignoto artista a mão, á rija entranya dura
Do marmor, te arrancou a estatua peregrina,
Nelle fixou tambem, perpetua, a formosura;

Nelle a imagem talhou, immortal e profunda,
Onde descobre o olhar, em lubrica vertigem,
A amante despiadada e a mulher-mãe fecunda,
Fonte de todo o bem, de todo o mal origem.

POESIAS

Com duplo e largo esforço arredondou-te o flanco,
Dos solidos quadris torneou-te a opulencia,
E inclinou dessa espadua o longo sulco branco
Ao jugo da caricia e ao jugo da insolencia.

Sob o collo bojou, entumeceu-te os seios
Robustos ás paixões, e onde vêm arquejantes,
Sitibundos beber, como em dois tanques cheios,
Os labios infantis e as boccas dos amantes.

E no ventre, ante o qual os sentidos se insurgem,
Rasgou-te amplo, a cinzel, o boqueirão mundano,
Onde entram gerações, de onde gerações surgem,
Como, sem trégua, o fluxo e refluxo do oceano...

Pois quando o homem succumbe ao tedio e á vida, é quando
O amor com braço firme o empuxa e arroja, um dia,
Como um bronco animal, bebado e cambaleando,
No abyssmo em cujo fundo o seu nada jazia...

MAZZEPA

A primavera amplo tapete
Luxuriante estende
Pela planura, em torno; e do arvoredo a copa
De corymbos, festões e luz se esmalta...
Tudo percorre, a voar, o indomito ginete;
Como rija rajada, os ares fende;
Barrancos salta
Veloz; e, ligeiro,
Das savanas atravez,
Sem freio, escumando, nitrindo, galopa...
Pára! — exclamam em vão — Cavalleiro,
Vê que abysmo se rasga a teus pés!

POESIAS

Suspende, louco! — em vão exclamam —
Colhe a redea, inancebo!
Cegos! Não vêm, que eu vou a este ginete ardente
Jungido, como o príncipe cossaco!
Em vão! A primavera e o amor é que me inflammam.
Que a um abysmo irei ter, em vão percebo;
 Em vão atraco,
 E em vão ponho brida
 A esta selvagem paixão!
Em vão! Em vão todos exclamam: — Detem-te!
Em vão: — Susta essa infrene corrida!
Em vão: -- Pára! — mil vezes em vão!

LXXV

BANZO

— —

VISÕES que n'alma o céu do exilio incuba,
Mortaes visões! Fuzila o azul infando...
Collea, basilisco de ouro, ondeando
O Niger... Bramem leões de fulva juba...

Uivam chacaes... Resôa a fera tuba
Dos cafres, pelas grotas retumbando,
E a estralada das arvores, que um bando
De pachydermes colossaes derruba...

[190]

POESIAS

Como o guaraz nas rubras pennas dorme,
Dorme em ninhos de sangue o sol occulto...
Fuma o saibro africano incandescente...

Váe co'a sombra crescendo o vulto enorme
Do baobab... E cresce n'alma o vulto
De uma tristeza, immensa, immensamente...

CHILD-HAROLD

(PARAPHRASE)

SINGRA o navio ufano...
Vão dois vultos á popa, e o corpo informe
Do morto guardam — mudas sentinelas. —
O luar enche o oceano,
E, como as azas de um vampiro enorme,
Abre o dragão marinho as largas velas...

Trás delle a onda talhada
Desprega alvos lençóis de espuma, ardendo
Em luz phosphorea que os bulcões avivam;

POESIAS

E a tunica estrellada
Da mirifica noite, resplendendo
Como alfinetes de ouro, os astros crivam...

Cheios da estranha magua
Da infesta morte, os genios do ar, errantes,
Choram... Os mastros e o vergame implexos
Cruzam-se; e ondulam n'agua,
Como peixes de fogo, coruscantes,
Aureos circulos, tremulos reflexos...

Soluçam as ondinhas,
Inconsolaveis noivas, o despojo
Dessa formosa vida sopesando...
Como em largas buzinas,
Sopra o vento do mar, no pardo bojo
Das amplas velas concavas, cantando...

LXXVII

ENTRE dois homens que o fado
Junctou, nenhum delles diz,
Mas cada um ha porfiado
Com o outro em ser mais feliz.

Depois... Nenhum delles diz,
Mas cada um, desanimado,
Já se julga bem feliz
Com ser menos desgraçado.

LXXVIII

JOB

QUEM vae passando, sinta
Nojo embora, alli pára. Ao principio era um só;
Depois dez, vinte, trinta
Mulheres e homens... tudo a contemplar o Job.

Qual fixa boquiaberto;
Qual á distancia vê; qual se approxima altivo,
Para olhar mais de perto
Esse pantano humano, esse monturo vivo.

Grossa turba o rodeia...
E o que mais horrorisa é vê-lo a mendigar,
E ninguem ter a ideia
De um só vintem ás mãos roidas lhe atirar!

Não! Nem ver que a indigencia
Em pasto o muda já de vermes; e lhe impera,
Na immunda florescencia
Do corpo, a podridão em plena primavera;

Nem ver sobre elle, em bando,
Os moscardos crueis de rispidos ferões,
Incommodos, cantando
A musica feral das decomposições;

Nem ver que, entre os destroços
De seus membros, a Morte, em blasphemias e pragas,
Descarnando-lhe os ossos,
Os dentes mostra a rir, pelas boccas das chagas;

Nem ver que só o escasso
Rôto andrajo, onde a lepra horrivel que lhe prúe,
Mal se encobre, e o pedaço
De telha, com que a raspa, o misero possue;

POESIAS

Nem do vento ás rajadas
Ver-lhe os farrapos vis da roupa fluetuante,
Voando — desfraldadas
Bandeiras da miseria immensa e triumphante!

Nem ver... Job agonisa!
Embora; isso não é o que horrorisa mais.
— O que mais horrorisa
São a falsa piedade, os fementidos ais;

São os consolos futeis:
Da turba que o rodeia, e as palavras fingidas,
Mais baixas, mais inuteis
Do que a lingua dos cães, lambendo-lhe as feridas:

Da turba que se, odienta,
Com a pata brutal do seu orgulho vão
Não nos magôa, inventa,
Para nos magoar, a sua compaixão!

Se ha, entre a luz e a treva,
Um termo medio, e em tudo ha um ponto mediano,
É triste que não deva
Haver isso tambem no coração humano!

POESIAS

Porque n'alma não ha de
Um meio termo haver dessa gente tambem,
Entre a inveja e a piedade?
Pois tem piedade só, quando inveja não tem!

LXXIX

* * *

HOMEM, embora exasperado brades,
Aos céus (bradas em vão e te exasperas)
Ascendo, arroubo-me ás immensidades,
Onde estruge a alleluia das espheras...

Cá baixo, o que ha?; traições e iniquidades,
As tramas, que urdes, e os punhaes, qué acéras;
As feras nos sertões, e nas cidades
Tu, homem, tu,inda peior que as feras!

[199]

POESIAS

Cá baixo: a Hypocrisia, o Odio sanhudo
E o Vicio com tentáculos de polvo...
Lá cima: os céus... Dos céus o olhar não desço.

Homem, bicho da terra, hediondo é tudo
O que eu conheço aqui; eis porque volvo
O olhar, assim, para o que não conheço!

[200]

LXXX

NIRVANA

Ao Barão de Paranapiacaba

NIRVANA um dia a enorme e desmedida guela
Escancarou na sombra; e eis a engolfar-se nella
Tudo que então vivia e o que viveu após...
Como um mar que, emboccando impetuoso a foz
De um rio, de roldão arrasta nesse ímpulso
Tudo que encerra á flôr e no amago convulso:
Cetaceos, cabedaes submersos, escarcéus
De espuma, grandes náus, selvas de mastaréus
E quillias... assim tudo o atro golphão devora.
Monstros phenomenaes cuja ossada apavora;

[201]

POESIAS

Abortos da saturnea edade; colossaes
Destroços de Heracléa, acropoles reaes;
Cidades que os vulcões inda em cinzas sepultam;
Massicas construcções, que a tempestade insultam;
A Pyramide, a saxeа Esphinge, o Mausoleu,
Monumentos que, outr'ora, o esforço humano ergueu
Para invadir o Olympo e eternizar a gloria;
Mortas populações de que é sepulchro a Historia.
Semi-deuses, heróes, thronos, religiões...
Passa tudo e se esvae... Seculos, estações,
Escoam... Tropicæ caniculas fulgindo
Vão-se; invernos, chorando, e primaveras, rindo...
Tudo em vórtices vâe passando, cem cessar,
Para no grande Nada hiante se atufar...
Porém, como o Passado e o Presente, o Futuro
Ha de vêr sempre aberto o sorvedoiro escuro;
Ruja a Guerra, ou floresça a oliveira da paz!
Tudo elle engole, tudo, e nada o satisfaz!
Beba de um sorvo o oceano inteiro; e, nas entranhas,
Sobreponha depois montanhas a montanhas!
Entulharam-lhe o bojo amplo e descommunal?
Eil-o afinal saciado? Eil-o farto, afinal?
Não! É como um tonel danáidico, sem fundo,
Esse medonho cháo voraginoso! O mundo,
Móle immensa, partindo o eixo em que roda, em vão
Nelle descansará; não no sacia, não!
Florestas, areaes, ilhas, num só momento
Absorve; e eil-o inda ao vacuo uivando famulento!
Que resta mais, emfim, para o seu ventre encher?
Resta o infinito além, vivo, a resplandecer...

[202]

POESIAS

Pois bem. Que o desmantéle horrivel cataclysmo!
Rolem constellações; e encha o insondado abyssmo
Esse outro, onde mil sóes palpitar triumphaes!
Nada mais resta...

E o nada inda appetece mais!

LXXXI

PSYCHE

SEU labio, a tua sede e intenso ardor,
Como a frescura de uma fonte, acalma;
Venceste-a, amante; e a porfiosa palma
Colheste, em beijos, no seu labio em flôr.

Deu-te noites ideaes, sob o esplendor
De um céu de nupcias — tenda azul, tão calma,
Tão limpida, tão pura!... E deu-te (O alma,
Que mais desejas?!) todo o seu amor!

[204]

POESIAS

Elle, o amor, na progenie perpetúa
Essa, em que te incendeias, sacra flamma,
— Bafo immortal dos deuses immortaes.

E essa immortalidade é tua, é tua!...
E essa immortalidade, elle a proclama
Em ti! O alma, que desejas mais?!

LXXXII

IMAGEM DA DOR

EXTRAHIR-TE á palheta soberana
Pôde o pincel de um genio; e de tal arte
Que, imaginando a eterna dor humana,
Quiz, para allivio della, imaginar-te.

E toda a humana dôr em ti se sente!
Perpetuamente acorrentada á dôr,
Has de chorar, has de perpetuamente
Gemer, na tela do immortal pintor!

[206]

POESIAS

E eu sinto, -- ao vêr-te os olhos, que illumina
Grossa lagryma ardente, como um astro,
E a ti, mais triste que a infeliz Malvina,
Mais infeliz que a triste Ignez de Castro —

Sinto-te a alma enhelante á luz diffusa
Nos céus, abrir as azas e escapar
Desse carcere estreito, onde reclusa
Soffre, para voar, para voar

E ir pelo azul a fóra, livre... E scismo,
Como um crente, na paz religiosa,
Beatifica paz do mysticismo,
Que só além dos tumulos se gosa...

A paz que, em vão, buscamos sobre a terra,
Nos céus sorri; e a mesma feral mão
Que, para sempre, as palpebras nos cerra,
Nos aniquila a dor no coração!

Se, pois, a terra para as maguas tuas
Consolações não tem, ha de o céu tel-as;
Volve os olhos ao céu, volve essas duas
Lacrymosas estrellas ás estrellas...

POESIAS

Parte os fuzis das barbas cadeias,
Que á dor te ligam! Parte-os, afinal,
E morre!... Ai! nunca! A morte em vão anceias,
Porque o teu creador fez-te immortal!

LXXXIII

VANA

B
AIXA a mim, alma angelica e impolluta!
Taze a meu ermo o sol da primavera,
A agua que o labio secco refrigera,
A urna de aroma é orvalho, e a flôr e a fruta...

Troca a cerulea, constellada esphera,
Pela, em que habito, solitaria gruta!
Tomba em meu seio! Eil-o a bater... Escuta
O coração ancioso, que te espera!

POESIAS

Vem, mas tal qual, em seu delírio insano,
A alma te sonha, te deseja e sente;
Mulher, não: ser divino e sobrehumano!

Porém, se acaso assim não és, detem-te!
Não venhas! Deixa-a nesse doce engano!
Deixa-a a esperar-te em vão, eternamente!

LXXXIV

HARMONIAS DE UMA NOITE
DE
VERÃO

A Arthur Azevedo

A NOITE, a cahir

POETA! Ao longe, entre as sangrentas pompas
Do crepusculo, tomba o sol. Das flores
Exhala-se a alma em tepidos vapores...
Ouve-se além um sino, soam trompas
De caça, latem cães... Esta sublime
Tristeza funda, indefinida e vaga,
Que o coração te esmaga,
Todos a sentem, mas ninguem a exprime!
Ninguem, poeta, exprime esta saudade,

Que o ambiente satura
 E a terra e os céos domina;
 Esta, de fél mesclada e de doçura,
 Melancholia augusta e vespertina,
 Que com a sombra avulta, cresce, invade
 E enche de lucto a natureza inteira...
 Esse outro bardo, o sabiá, não trina
 Nos galhos da cheirosa laranjeira;
 E, ao silencio e ao torpor cedendo, cerra
 O dia os olhos no Occidente absortos;
 E fuma um negro incenso,
 Que envolve toda a Terra
 — Sepultura commum, tumulo immenso,
 Dos vivos e dos mortos...
 E eu do throno das nevoas, do cimmério
 Solio de ébano, aos pés do qual, na altura,
 Toda essa poeira cosmica fulgura,
 Vou já descendo; e, aos poucos, lentamente,
 Arrasto desdobrada
 Sobre este amplo hemispherio,
 A minha solta clamyde tamanha,
 Negra como o remorso, e a que, sómente,
 Da lua crescentigera e chanfrada
 A ponta da unha luminosa arranha...

O POETA

Em vão de trevas todo o espaço inundas!
 Povôam-no luciferos insectos;
 São terrestres estrellas vagabundas;

POESIAS

São pequeninas lampadas errantes;
São, de um rôto collar de fogo, iriantes
A'scuas soltas; são vividos e inquietos
 Carbunculos alados;
São accesas saphiras; são diamantes
Da grinalda dos sóes desengastados...
 Basta á minha pupilla
O fanal dessas almas luminosas;
E eu, nas tuas entranhas tenebrosas,
Como uma sonda, os olhos aprofundo,
 — O tetrica e tranquilla
Noite! — e sinto em cada atomo invisivel
Latejar novo, ardente e occulto mundo;
 E o idioma confuso,
O hymno sem echo, o hosanna intraduzivel
Do ser, o mais rudimentar, traduzo.
Neste de trevas pavoroso oceano,
 Onde o espirito immerso
Se debate arquejante, escuto, ancioso,
Toda a orchestra das vozes do Universo;
Desde as dos astros musicas supernas,
Até o psalmo obscuro e mysterioso,
Que escapa, como um monstro diluviano,
Pela estupida bocca das cavernas...

A NOITE

Entre as paredes lóbregas e frias
Do meu carcere bronzeo e negro — furna

POESIAS

De lividos espectros povoada
E pesadelos e visões sombrias —
Tua alma enferma e taciturna
Jaz encerrada.
Em vão anceias, desta escura
Masmorra, anceias, neste instante, em vão,
Vêr a massiça abobada arrombada
Por um trovão;
Em vão anceias, nesta funda
Lapa, vêr, como a luz da redempção,
Brilhar o fulvo e esplendido montante
De um relâmpago enorme e rutilante,
Que te illumine as trevas da loucura,
Onde vasqueja, moribunda,
Tua razão!

O POETA

Em vão sobre mim te elevas
E a luz da razão me espancas,
Ó noite! — e minha alma trancas
Neste tumulo de trevas!

Neste tumulo, onde jaz
Meu espirito indeciso,
Brilha ás vezes um sorriso,
Treme um lampejo fugaz;

POESIAS

E então, do teu antro horrendo
Vão-se os monstros que produzes;
Vão-se, uma por uma, as luzes
Da phantasia accendendo;

E, ás intensas vibrações
Do sol, todo embandeirado,
Fulge, resplende o encantado
Palacio das illusões...

Mas dura tudo um momento;
De novo em trevas me abyssmas,
O noite! e em mais fundas scismas
Recae o meu pensamento.

Vão-se a esperança e o sorrir,
Vagas deste mar infindo,
Praias de ouro descobrindo,
Que tornam logo a cobrir...

Assim sobre as cinzas corre
Um sopro e, ephemeralmente,
Faisca a braza latente,
Arde, arqueja e, afinal, morre...

POESIAS

UMA BRISA DA NOITE

Se a tua fronte a febre escalda,
Vêm refrescal-a minhas azas. Estas
Azas as mesmas são, com que as florestas
Atravessando, tremula de amor,
Despertar em seu ninho de esmeralda
As flores vou, distribuindo
Um doce beijo a cada flor.
Com estas azas o ar ferindo,
O ar silencioso, rasgo no ar
Uma torrente perfumada,
Onde bilhões de insectos, phosphoreando,
As tenuas azas de ouro vêm lavar...
É meu sopro, que, nuncio da alvorada,
Vem refrescar teu cerebro incendido,
Brando e subtil, como é subtil e brando
O anhelito de um anjo adormecido,

O POETA

Intangivel ideal! Cruel desejo
Insaciavel! Essa, que além vejo,
Illusão fugitiva,
Brilha tão longe, tão além, que apenas
O olhar a attinge, e muito mal a attinge;
— Ave encantada, cujas ricas pennas,
Cujas tremulas azas, em cambiantes,

POESIAS

De uma longinqua aurora a intensa e viva
Luz irisada acatasola e tinge

De côres flammejantes...

Desejo insaciavel!

Inacessivel sonho!

Julgo alcançal-a muitas vezes... Trago-a
Presa na mão; exulto a rir; supponho
Já possuil-a; apalpo-a... e eil-a, que vôa,
E me escapa e me foge... Eil-a impalpavel!

E como o fluido, ou a agua,
Por entre os dedos, que a retêni, se escôa...

UMA ILLUSÃO

Alma jámais contente! Alma de poeta!
Atraz da pluma furtacor, da inquieta
Aza de uma illusão, eis-te a voar...
Extranhos climas e regiões extranhas
Atravessas com ella, affoitamente;
Desces aos valles, ergues-te ás montanhas
E affrontas todos os tumultos do ar...
Alma de poeta! Alma jámais contente!
Se ella suspende o vôo, o vôo suspendes...
Sobe ella ás nuvens, e eis-te a todo o panno,
 Eis-te a subir com ella,
Tão alto... Abaixo a referver o oceano
 Serras d'agua encapella...
E sobes mais... Com ella ao ninho ascendes

POESIAS

Das estrellas... No sol a fronte abrazas,
Como o condor... Nos raios e nos ventos
Bates as duras e possantes azas,
Rompendo o bojo dos bulcões violentos...
Por onde, em summa, ella, inconstante e varia,
Passou, tu sempre, ousada e temeraria,
 Seu rastro ardente segues;
Mas, quando exausta cás, ella é já tua:
Pertence-te, apanhaste-a, é tua...

Embora!

Já do encanto, que tinha, a vês tão nua!
Já, de perto, parece differente
Da que vias de longe, essa illusão!
Trás della ias ancioso; e, alfirm, consegues
Tel-a presa na mão... Mas eis que agora
Já te abhorreces, quando a tens na mão!
Alma de poeta! Alma jámaiis contente!
Em vão luctaste, combateste em vão!

O POETA

Cada illusão é como uma esperança
De um bem que tarda e que afinal se alcança,
De um bem, que, um dia, ha de afinal chegar;
Enquanto este não chega e dura aquella,
 Gósa-se mais com ella,
Do que com o proprio bem se ha de gosar.

POESIAS

A ESPERANÇA

Vem a meus braços, vem! Já, sobre o berço d'ouro
De teus sonhos, soltar o perfumado, loiro
E fulgido lençol de meus cabellos vim;
Crava os olhos nos meus! Que horizontes sem fim
Nelles descobrirás! Que abobada infinita,
Onde, plena e perpetua, a Primavera habita!
Que céu de nuvens limpo e amplo, de norte a sul,
Eternamente bello, eternamente azul!

UMA ESTRELLA FUNESTA

Mente a Esperança! Mente a dadiva illusoria
Do Futuro! A radiante apparição da Glória
Mente! Empós desta em vão peregrinando vaes
A agra região da dôr! Longe é o alto! Jamais
Da Glória estrepitante a onda espumosa e brava
Aos teus pés rojará — branca e submissa escrava,
Para o diadema real, que sonhas, não produz
Diamantes Bisnagár, nem perolas Ormuz:
Cingirás de irrisão e opprobrio uma corôa.
Tens acaso um amigo? O amigo te atraiçôa.
A mulher culto dás? Desdenha-te a mulher.
Não te será fiel seu proprio cão, sequer.
Bates de porta em porta, e vaes de tenda em tenda,
Em vão! Nunea acharás uma alma, que te entenda!

POESIAS

Com quem teu negro pão compartas; que na dor
Seja a tua consocia! Uma só nivea flor,
Entre as pedras, jamais, brota do teu caminho...
E, andrajos arrastando, irás, rôto e mesquinho,
Pela escura existencia afóra, sem ninguem,
Mudo e fitos no chão os olhos, como quem
Já descrente, afinal, na terra só procura
Um logar que lhe seja, ao menos, sepultura;
Misero e vil, chegando até a recear
Que isso mesmo, tambem, lhe possa ella negar!...

UMA ALMA COMPASSIVA

Poeta! Eu te resvoro, alma que anceia e soffre,
A mais rara e melhor das joias do meu cofre;
Crystallisou-a a dor, e o seu vivaz clarão
Enche, como uma aurora, a tua escuridão;
Brilha mais do que um astro e mais do que um diamante
Vou choral-a em teu seio ardente e palpitante;
Recebe-a; sinto-a já, tremula a reluzir:
Subiu do coração, dos olhos vae cahir...

LXXXV

MEDITAÇÕES

A Moraes Silva

I

O alegre repicar de um sino; as côres
E as fitas festivas do baptisado;
O olhar aberto a um prisma, e derramado
Pelo vergel — amplo cabaz de flôres...
E a espairecer no azul, como a esperança,
A aza da borboleta, que scintilla
Toda iriada ao sol; e, a persegui-a,
Fragil mãosinha no ar...

Feliz creança!

[221]

II

Segue-se o eterno idyllio: maliciosos
Ademães e um quebrar de olhos, risonho,
Prendendo-o... E, apôs, o deslisar de um sonho:
— Saudações paranympicas, ruidosos
Festins, galas e luz; e, pouco a pouco,
O archanjo ideal, que emerge do pudico
E avaro véu; e, entre cortinas, rico
Thalamo a estremecer...

Mancebo louco!

III

Mas desse altar thuricremo esvahida
Toda a nuvem de incenso é já...
Mais tarde,
O meio-dia da existencia é que arde,
Esplendido, e o combate pela vida;

O fragoroso oceano, em cujas plagas,
Rôtas em uivos e lamentos, trôam
E, das paixões no embate se abalrôam,
Despedaçando-se, as humanas vagas...

POESIAS

A ebuição social: miseria e glorias,
Bulhando em turbilhões de lama e de ouro,
Como no lodo ou no ar, o fervedouro
Dos vibriões, das vidas infusorias...

Vasta fermentação que toda a terra,
Desde a medulla até á crosta, agita;
Do ser mais alto ao infimo palpita
A vida — estado natural de guerra!

Guerra de instictos, carniceira e bruta!
E, em qualquer ponto da terraquea esphera,
Onde a familia humana se agglomera,
Se reproduz, sem tregua, a mesma lucta!

Lucta antiga e bestial, que (embora á sua
'Condição primitiva hoje arrancado)
O homiem renova; e, em cada vario estado,
Perpetuando a especie, perpetúa!...

• • • • • • • • • • • • •
Lucta; e vê, sob o jugo atroz da sorte,
Que é forçoso matar, para que viva;
Pois sempre aos pés de inexoravel Siva
O fraco é devorado pelo forte!

POESIAS

Forçoso é que o oppressor jámais se torça
À justiça e aos clamores do opprimido;
Quem faz o vencedor, quem o vencido
Faz, és tu sempre, ó lei vital da Força!

De ti, Pallas irrompe armada, e aos bravos
És tu quem ceica d'essa côte hedionda;
— Côro de imprecações e de ais, que estronda...
Tinir de algemas de milhões de escravos...

Por ti, o homem cruento, nas renhidas
Pugnas que accende o seu furor eterno,
Desembainha, á luz de um sol fraterno,
O aço de mil espadas fratricidas;

Cobre a bombarda o céu commum de espessas
Nuvens de enxofre; a catapulta range;
Brotam rubros caudas de cada alfange,
Cérceos, cortando braços e cabeças...

De intrepidos varões tinge as ilhargas
A purpura de guerra flammejante;
E, sobre o humano açougue, crocitante,
Abre o sinistro corvo as azas largas...

POESIAS

— Cesar, que vence, ou Attila, que assola —
O forte é quem conduz por toda a parte
Teu verbo atroador; e esse estandarte,
Vermelho e ebrio de fumo, desenrola...

E é teu gladio mortifero, que gyra
No ar, em torno a extender rubra hecatombe:
Qual foge; qual resiste, até que tombe;
Qual tomba; qual, mordendo o solo, expira...

Deixam-se uns esmagar; outros resvalam
No chão, beijando as plantas que os sopeiam...
E nunca em pulsos, que os grilhões roxeiam,
Os teus grilhões estridulos estalam!

Lei cruel! Dura lei! Quem, sobrehumano,
Teus artigos de ferro e fogo infringe?!
Carpeim-se em vão na tua garra, esphinge,
A orphandade e a viuez!... Jugo tyranno!

Sobre os homens de mais pésa esse jugo!
Na Libya inhospita, entre feras, ha de
Haver, por certo, mais fraternidade...
A fera é — carniçal, o homem — verdugo!

POESIAS

Succede a um despotismo antigo um novo
Despotismo, c em teu aço crú se espelha;
'És a razão do lobo contra a ovelha,
'És a razão de um rei contra o seu povo.

Porque se batc um povo, arca por arca,
Se ha dc soffrer, no fim do arduo litigio,
Em prol de um regio cstcmma ou gorro plirygio,
O bastão de um caudilho, ou de um monarcha?!

Em vão ostentam as legiões sagradas
A insignia da egualdade nas bandeiras;
E estas em vão radiam, sobranceiras
Como falcões, aos ventos desfraldadas...

Em vão te arrojas, povo, em mós immensas,
No estridor das batalhas sanguinario...
Bemdicto o pó da arena egualitario!
Antes morras beijando-o, do que venças!

Glorias, timbres... Que fructos colhe a raça
Abjecta dc mastins a que pertences?
Bates-te em vão! Se por ventura vences,
Colhe-os o rei que vae contigo á caça!

POESIAS

Elle te leva á trélia; e, na partilha,
Deixar-lhe os tres quinhões primeiros deves,
Mas a tocar no quarto nem te atreves...
Elle é — o caçador; tu — a matilha.

O rei na paz a um ocio torpe e ignavo
Volve; mas tu, a um labutar mais rudo.
Tu, povo, em cujo nome se faz tudo,
Has de ser sempre o mesmo vil escravo!

Qando os corpos na liça apodrecidos,
O ar infectando dc letaes vapores,
Negro contagio, sobre os vencedores,
Sopram, como a vingança dos vencidos,

E a falcifera Peste assombra, fere,
Prosta e os campos sem luz de mortos junca;
Entre as choupanas e os palacios, nunca
Ella os palacios visitar prefere.

A Peste e a Fome — pompa atroz da Guerra!
Para o ilota, que a lavra, noite e dia,
Nem um fructo, ou raiz, ou bolbo cria
No bruno seio empedernido a terra!

POESIAS

Vil clientela de incendidos Gracchos,
Um rei, como em cadáveres o abutre,
Em tua escravidão se ceva e nutre,
E faz de ti uma nação de fracos!

.

Força! Einda és tu que injusto cunho imprimes
A este mundano choque de interesses;
A esta vegetação de almas refeces
E negras — brenhas de traições e crimes!

Almas? — Assim o orgulho humano chama
A tais fócos de instintos maus! Devora
O leão a prêa; o leão é forte, e, embora
Iniquamente, a sociedade o acclama!

Reproduzem-se aqui as mesmas scenas
Da barbara tragedia, prisca e infinda;
Aqui, porém, com mór baixeza ainda!
Sociedade de lobos e de hyenas!

.

Seduzem-no tambem da gloria os brilhos;
E a sacra fome de ouro — egoísmo immundo —
Dá-lhe unhas de milhafre para o mundo,
Bico de pelicano para os filhos.

POESIAS

E o gladio a erguer, que arrasa e que depreda,
E o olhar que ante a ignominia não desmaia,
Lucta! E é forçoso que a lutar não caia,
Pois se cahir o esmagarão na quédia.

Depois... é tudo pranto e dôr na incerta
Rota de sangue, que seguindo veiu:
Uma lança partida em cada seio,
Em cada seio uma ferida aberta...

E em cada scio vê, combusto e infando,
— Brazeiro que do inferno um sopro atiça —
A inveja, a hypocrisia, o odio, a cobiça,
Mordendo-se, estorcendo-se, estoirando...

A sociedade ao seu golfão o arrasta,
E elle de perto a vê: proterva e estulta,
A Themis vende, á Castidade insulta,
E é dos iniquos — mãe, dos bons — madrasta;

Eleva a dogma o preconceito futil,
— Lucivéu da razão, que a ennoita e cega —
E ao rabbi simples, que a egualdade prega,
Rasga e enlameia a tunica inconsutil;

POESIAS

Calca a Virtude e em seus ovantes carros
O Vicio triumphal expõe... Tudo isto
Vê derredor fervendo — estranho misto
De vasa e estrelas, perolas e escarros...

Misto de pompas e farraparias, •
Purpura e andrajos, num contraste injusto,
Desde Suburra ao Capitolio augusto,
E desde o Pantheon ás Gemonias...

Junctos do solio e da opulencia opima,
Mil párias disputando aos cães um osso;
Por toda a parte, um pé sobre o pescoço
De um ser mais fraco, sempre, abaiixo e acima!

De cima abaiixo lavra, sem remedio,
A lepra, a corrupção!... E elle já sente
A florescer, grassando-o intimamente,
Desse pantano á beira, um fundo tedio,

Esgalracho tenaz, cujas raizes
O minam todo!
E eis já, cruel desgosto!
Espelhadas nas rugas do seu rosto,
De sua alma ferida as cicatrizes!

POESIAS

As tempestades, que por elle passam,
As illusões mais pulchras lhe afugentam;
Seu cingulo de auroras arrebentam;
Sua c'rôa de estrellas despedaçam.

Já a um passado não remoto os olhos
Tristes voltando vae... Assim, tremendo,
Contempla escapo naufrago o estupendo
.Rôlo do mar, que fervc entre os escolhos,

E, em fról quebrando, a espumea rêde alarga
Por dilatado areal... O Gloria! Em summa
Que és mais, que pó, vapor, fumaça e espuma?
O sciencia do viver, como és amarga!

Emigra o riso — esse hóspede constante
Da sua bocca — como o passarinho,
Que, abandonando o profanado ninho,
Vae fazer outro ninho mais distante...

Teu fructo, ó sciencia, é que enche essa amargosa
Sceptica bocca! E pendc-lhe do labio,
Como do dc Carnéades, o sabio,
Crúa, typica préga desdenhosa!

POESIAS

Cerrado o peito, outr'ora aberto e franco,
Um dia, entre os cabellos, vê, com magua,
Um branco fio... E os olhos lhe enches de agua,
Primeiro fio de cabello branco!...

IV

Eil-o hoje, enfim, ao toque das trindades,
A benzê-se e a chorar, de cans coberto.
São remorsos? Talvez. Mas são de certo,
De certo são, tambem, mortaes saudades...

Dubias, errantes sombras vespertinas,
Presagios máus, de que sua alma é cheia,
Melancholisam tudo o que o rodeia...
— Crepusculo a pairar sobre as ruinas!

E a noite e o inverno vêm! Aquella em breve
Do sol apaga e esfria a ultima lava;
E este, nos flancos da montanha, crava
A fina espada rigida da neve!

POESIAS

O inverno e a noite vêm! Tristonho e mudo,
Do ermo tugurio eil-o sentado á porta;
Seus filhos mortos são, e a esposa é morta...
Pobre velhinho! Como passa tudo!

Nem uma folha, uma corolla, um ninho,
Nos bosques! Nem nos céus uma só aza!
E as andorinhas a mudar de casa...
E elle tão só! tão só!...

Pobre velhinho!

LXXXVI

LUBRICUS ANGUIS

QUANDO a mulher perdeu a deleitosa
Paz e os jardins da habitação primeva,
Chata a cabeçainda não tinha a seva
Serpente, que a seus pés silva raivosa;

Mas a lingua trisulca que na treva
Fallaz vibra, é a mesma venenosa
Lingua que á luz purissima e radiosa
Do Paraiso, outr'ora, enganou Eva...

POESIAS

Bem-dita a planta da Mulher, que a esmaga!
Bem-dita! A este vil monstro, de ora avante,
Ninguem mais sobre a terra desconheça!

E ella a marca indelevel sempre traga
Do rijo ca'canhar firme e possante,
Que lhe achatou, impávido, a cabeça!

LXXXVII

NUA E CRUA

DOIRE a Poesia a escura realidade
E a mun a encubra! Um visionario ardente
Quiz vel-a nua um dia; e, ousadamente,
Do aureo manto despoja a divindade;

O estemma da perpetua mocidade
Tira-lhe e as galas; e eil-a, de repente,
Inteiramente núa e inteiramente
Crua, como a Verdade! E era a Verdade!

[236]

POESIAS

Fita-a, em seguida, e attonito recúa...
-- O Musa! exclama então, maguado e triste,
Traja de novo a louçainha tua!

Veste outra vez as roupas que despiste!
Que olhar se apraz em ver-te assim tão nua?
À nudez da Verdade quem resiste?!

LXXXVIII

DESILLUDIDO

TANTOS livros calcando aos pés, de tanto estudo
Ao inutil afan hei de pôr termo emfim;
E, abandonando 'a sciencia e abandonando tudo,
Voltar um dia ao berço obscuro d'onde vim.

Serei então como esse ousado navegante
Que a volta ao globo dar, primeiro, conseguiu;
E, annos muitos após, logrou vér, soluçante,
As louges plagas d'onde, afoito, se partiu.

POESIAS

E, terminada assim a minha lida insana,
Hei de afinal revêr, cançado e velho já,
Essa aldeia feliz, onde a humilde cabana,
Que na infancia habitei, ao desamparo está;

Onde, na vasta paz dos campos, a seara
Fulva e madura esplende; e, espadanada ao sol,
Roia e espuma cantando a agua batida e clara;
— E, no balseiro em flôr, suspira o rouxinol...

E tentarei colher as illusões formosas,
Que hoje vou desparzindo á procella, ao tufão,
E que, naquelles céus e climas d'ouro e rosas,
Aves tontas de luz, batendo as azas vão...

Mas verei, com pezar e com remorso infinde,
Esquecidos de mim os sitios que esqueci;
E uma voz ouvirei, das arvores sahindo:
— «Quem és tu? D'onde vens? Que vens buscar aqui?»

«Longas noites velando, a juventude, ó Fausto!
Desgastaste na sciencia esteril; e as manhans
Já te não levam seiva ao coração exhausto,
Nem te desc'rôam mais da neve dessas cans!

POESIAS

«Porque foste, com mãos profanas, tantas lousas,
Ultrajando o pudor da morte, levantar?
Porque quizeste, emfim, para todas as cousas,
Não como poeta já, mas como sabio, olhar?

«Pois has de, como outr'ora, espirito doente,
Num tumulo chorar e ante um berço sorrir?
Como poupar o ninho e esniagar a serpente,
Se todo o ser da mesma entranha vês sahir?...

«Se a mãe que, deseguaes, os géra, é sempre a mesma
Que os ceifa e torna o bello á hediondez igual,
E em si tudo confunde: a mariposa, a lesma,
A toutinegra, o açôr, a antilope, o chacal?...

«Como ha de a natureza o seio mysterioso,
Que palpaste, encobrir-te aos olhos outra vez?...
Como ha de essa, de quem tu te fizeste esposo,
Correr, pudica, um véu sobre a sua nudez?

«Falta-te a crença que é, para uma alma sombria.
Como o ar para o som, como a luz para a côr!...
Nem um vislumbre tens dessa ingenua alegria,
Que é, na bocca — o sorriso, e que é, no ramo — a flôr!

POESIAS

«Fausto! Que vens buscar aqui sceptico e triste?
Suffocaste no seio o amor; que resta mais?
Na eschola onde, um por um, os sonhos consumiste,
Entraste vivo outr'ora e hoje cadaver sais!

«És um morto! Como ha de a loira Margarida
Teus labios ao calor dos beijos aquecer?
Perdendo as illusões, tambem perdeste a vida,
Pois deixar de illudir-se é deixar de viver!

LXXXIX

FETICHOISMO

HOMEM, da vida as sombras inclementes
Interrogas em vão: — Que céus habita
Deus? Onde essa região de luz bemdita,
Paraíso dos justos e dos crentes?...

Em vão tacteam tuas mãos trementes
As entranhas da noite erma, infinita,
Onde a duvida atroz blasfema e grita,
E onde ha só queixas e ranger de dentes...

[242]

POESIAS

A essa abobada escura, em vão elevas
Os braços para o Deus sonhado, e luctas
Por abarcal-o; é tudo em torno trevas...

Sómente o vacuo estreitas em teus braços;
E apenas, pávido, um ruido escutas,
Que é o ruido dos teus proprios passos!...

XC

DEUS IMPASSIVEL

RACA de Ahasvérus, a arquejar convulsa,
Rostida pelo açoite da desgraça,
Rôta, sangrenta e exul, maldita raça,
Que errante vaes, de plaga expulsa;

Como tu, sobre quem, povo execrando,
Duro anathema pésa, a Humanidade
Vae a herança da dôr, de edade a edade
E gerações a gerações, levando....

[244]

POESIAS

Mas de que servc á eterna padecente,
Que, as mãos torcendo, anhele, exóre e lucte;
E, emfini, porque ninguem na terra a escute,
No céu, para a escutar um deus invente?!

De que lhe scrve, desolada e triste,
Que o fumo das blasphemias, de mistura
Com o odôr da oração, ascenda á altura,
Onde esse deus, que ella inventou, existe?!

De que serve, por seculos a fóra,
Clamares tu, se num deserto clamás?
Se o deus que ouvia, entre o sarçal em flammas,
O clamor de Israel, é surdo agora?!

De que serve, se é surdo?! De que serve,
Se não pôde auscultar, dessa maneira,
Teu coração que — horrivel cachoeira
De soluços e lagrymas — referve?...

Em vão esperas: nutres a esperança
De um impossivel — esperança louca!
Ou desesperas; ou te afflue á bocca,
Na azia do odio, a bava da vingança!

POESIAS

Teu pranto ha de estancar, em vão! Teu grito
Sem echo ha de morrer!...

Ah! mudo e immoto,
Acima, aléni, do ethereo azul ignoto,
Do esparavel dos astros infinito,

Onde a arvore dos sóes longinqua abrolha,
— Sem que um só guai por seus ouvidos passe,
Nem a mais leve contracção na face
De algente marmore —

o Impassivel olha!

XCI

VAE VICTIS!

— — —

HOMEM! Ao torvo Deus, que ha derribado
Do humano orgulho as torres de Babel;
— Deus, que nos cria para a dôr, cruel;
--- Deus, que nos cria e que não foi criado...

Em vão blasfemas, espremendo, irado,
A alma — esponja de lagrymas e fel —;
Deus dorme, surdo á nossa voz rebel,
Nos fumos do holocausto embriagado.

POESIAS

E hão de ir-se os orbes, como náus, a pique;
E, do Orco extremo na horrida caverna,
Ha de a raiva espumar, morder-se a dôr!

Dôr é tudo; e nada ha, que justifique
Essa revolta universal, eterna,
Da creatura contra o creador!

XII

DIALOGOS

(JEAN RAMEAU)

I

— E U sou a Terra. E tu?

— Eu sou o Homem.

— Perdôa!

Larga o arado brutal, que a face me arregôa!

Não mais venha, ó forçado eterno, a labutar,

Teu duro alvião de ferro os flancos meus rasgar!

Não mais me esfole a enxada e a charrúa o espinhaço!

Deixa-me, inculta embora e esteril, ao mormaço,

POESIAS

À canicula, ao sol, dormir! Homem, perdão!
Cessa de revolver minhas entradas!...

— Não!

*
* *

— Eu sou o Trigo. E tu?

— Eu sou o Homem.

— Perdôa!

Pelos campos sem fim, que a seara povoa,
Sopram ríjos agora os ventos estivaes;
Meus gonfalões de seda oscilam, triumphaes.
Que eu, nesse flavo oceano, indolente baloice!
Suspende, segador cruel, a tua foice!
Tira-a de sobre mim! Detem-te, Homem! Perdão!
Deixa-me livre ondear por esses campos!...

— Não!

*

* *

— Eu sou a Pedra. E tu?

— Eu sou o Homem.

— Perdôa!

Que a minha dura sorte ao menos te condôa!
Muralhas e torreões tentas commigo erguer;
E a Terra, mãe piedosa, em vão, p'ra me esconder,

POESIAS

Tem largo coração e tem entranhas largas!
Minam-me a picareta e a polvora as ilhargas!
Este suppicio atroz suspende, Homem! Perdão!
Deixa que, inérte, eu durma a somno solto!...

— Não!

*

* * *

— Eu sou o Ferro. E tu?

— Eu sou o Homem.

— Perdôa!

Teu martello a bater nas bigornas rebôa;
Torço-me, ranjo, estalo e espirro áscuas subtis,
Particulas de fogo, ephemeros fuzis...
Diabolico Vulcano! aos golpes do teu malho,
São como um rubro Inferno as forjas do Trabalho.
Porque me pões em braza e me amolgas? Perdão!
Não me tortures mais! Deixa-me em calma!...

— Não!

II

— Eu sou o Homem. E tu?

— Eu sou a Terra.

— O Terra!

POESIAS

Pois nem um grão sequer teu seio arido encerra?
Que é do que semeei na quadra germinal?
Caiiu toda a semente, acaso, em sáfio areal?
Sob o infecundo sol, a inopia te consome;
Como um lobo cerval, vcm devorar-me a Fome;
De ti, brotam sómente espinhos... Dá-me o pão!
Dá-me o alimento! Dá-me o que me falta!...

— Não!

*

* *

— Eu sou o Homem. E tu?

— Eu sou o Trigo!

— Césse

A minha voraz Fome ante uma farta mésse!
Trigo que eu semeei, apieda-te de mim!
Arrebenta, verdeja e amadurece enfim!
E ás brisas estivaes, Trigo esplendido e louro,
Movam-se os teus pendões—fluctuoso oceano de ouro!
Hei suado por ti bagas de sangue em vão?
Locupleta, abastece os meus celleiros!...

— Não!

*

* *

— Eu sou o Homem. E tu?

— Homem, eu sou a Pedra!

— Roubei! Matei! Em mim, hoje, o remorso medra!

POESIAS

O crime me arrojou nesta masmorra; aqui
Nem um raio de sol, entre as grades, sorri;
Nem um murmur alegre, um pio d'ave eu ouço...
Antes a morte, que este horrivel calabouço!
Ó Pedra! sobre mim, n'esta desolação,
Tomba, despenha, alúe, desmorona-te!...

— Não!

*

* * *

— Eu sou o Homem. E tu?

— Eu sou o Ferro.

— A vida

Porque arrancar-me vens, cruel Ferro homicida?
Vingas-te! Já o algoz tremendo me conduz
Ao cadafalso; e horror! já sobre mim reluz
O aço triangular da guilhotina! Acima
Pende a morte! O fatal instante se approxima!
Ferro sanguisedento e atroz! Perdão! Perdão!
Pára um segundo! Escuta! Attende! Espera!...

— Não!

XCIII

GREEN SPOT

DA atroz Verdade o incendio não devasta
Teus solios de ambar e esmeralda, e a immensa
Paizagem de ouro e carmezim, suspensa
No horizonte, que, além, foge e se afasta...

Do supremo repouso a hora nefasta
Soou. A treva impenetravel, densa,
Cresce em torno; e enche a noite da descrença
A amplidão do deserto adusta e vasta...

POESIAS

Seja esta embora a noite derradeira;
Á caravana tropega e cançada
Inda sorris, ao longe, aurea e fagueira;

E ella inda, ao longe, vê, feita a jornada,
Sorrir-lhe o verde oasis, a palmeira,
O fio de agua e a sombra suspirada...

O FABORDÃO

—
—

NA sisudez de Don'Anna
Só o esposo se não fia:
Com ciosa mão tyranna
A imbell'e dama opprimia.

Retida em casa, Don'Anna
Qual num carcere, vivia;
E ahi, cerrada a ventana,
Da rua ninguem n'a via.

[256]

POESIAS

Certo, inocente, Don'Anna
Taes tratos não merecia,
O esposo... Ella o não engana:
E elle porque desconfia?

Deste a suspeita vesana
No ciume se accendia;
Mas dos olhos de Don'Anna
Ciumes quem não teria?

Felizmente p'ra Don'Anna,
Como tudo cessa um dia,
Elle, alfim, se desengana
E a confiar principia.

Principia elle em Don'Anna
A confiar: principia
A espairecer a leviana
Celimene á luz do dia...

Em novos ares Don'Anna
Solta o vôo á phantasia;
Nos bailes reina e se ufana
Dos chichisbéos que extasia.

POESIAS

Aos seus feitiços Don'Anna,
Como cumplices, allia
O leque com que se abana,
A flôr com que se atavia...

Gyra, doideja Don'Anna
Incauta assim... Todavia,
A maledicencia humana
Por traz da rotula espia...

A maledicencia humana
Observa, espreita, vigia,
Segue os gyros de Don'Anna
E descobre o que queria.

Qual mariposa, Don'Anna
Cáe na teia, que lhe urdia
A caranguejeira humana
Com visguenta hypocrisia.

E a boquejar em Don'Anna,
Ninguem despertar temia
Do Othelo a colera insana...
Que horror, se elle o sabe um dia!

POESIAS

Em vez da colera insana,
O contrario... Quem diria?
(Felizmente p'ra Don'Anna!)
O contrario succedia.

Em alta voz, da leviana
Já muito mal se dizia:
Só o esposo de Don'Anna
Era surdo, ou nada ouvia!

Toda a gente, da leviana
Os amores conhecia:
Só o esposo de Don'Anna
Era cego, ou nada via!

Só o esposo de Don'Anna
Nada via, nada ouvia,
Cego e surdo; e bem se engana
Quem pensar que elle fingia.

Suspeitára de Don'Anna,
Quando ella bem procedia;
E agora, sim, que ella o engana
Agora é que elle confia.

PAZ ENTRE OS HOMENS

PAZ entre os homens! Os vencidos dormem
Na eterna paz. A guerra é concluida:
Em pingues zonas de lavoira e vida
Os campos de batalha se transformem.

Troquemos todos, como amigos, juctos,
Por mansos bois os marciaes cavallos.
Eia sus! Quanto aos mortos... enterral-os;
E rezar pelas almas dos defunctos.

POESIAS

E agora o seu casal cada um constrúa.
Não sangue, mas suor, fecunde a terra;
E encha esse azul, em vez de hymnos de guerra,
O som fresco e saudavel da charrúa.

Velho já, que entre simples lavradores
O bravo general seu mando esqueça.
Paz, para sempre, sobre todos desça:
Paz, como entre as abelhas e os castores.

Que é assim que as abelhas mel fabricam
No doce phalansterio das colmeias,
E os castores poeticas aldeias
À beira d'agua alegres edificam...

UM TRECHO DE HEINE

REFRESCA o vento dos desertos morno,
Movendo a molle e inquieta ventarola
Das palmeiras, e a flux gyrando em torno
Da verde selva rumorosa e vasta.
As antilopes olhos receiosos
Cravam no páramo onde o Ganges rola
E o regio manto em largo leito arrasta,
Franjado de oiro e espumas,
E onde passeia o bando triumphante
Dos pavões orgulhosos,

Abrindo o arco-iris vivo e rutilante
Das caudas e das plumas...

No esplendor solitario
Das planieies fecundas, ubertosas,
Inundadas de sol e onde somente
Passa o estupido e tardo dromedario
De apartadas regiões da Arabia vindo,
E de onde se vislumbra a alta coroa
Do Himalaya, esbatida vagamente
Sobre um fundo de nevoa e luz, resoa
O cantieo plangente

De Kokila:

— «Ó formosa das formosas!
Vem, abre-me os teus braços!
No doce oval do teu semblante lindo,
Na pulehritude amena dos teus traços
O déus do amor se mira; o ignoto Kama,
Tranquillo, voluptuoso ocio fruindo,
Repoisa, como em tendas côr de opala,
Ou em setineos pavilhões cheirosos,
À sombra deleitosa dos teus seios...

Desgraçado é quem ama
E o pobre coração desfeito exhala
Em inuteis suspiros dolorosos
E impotentes aneeios...
Ha no teu negro olhar um céo profundo
Cujo ambito estellifero pereorre
A alma que anciosa eseapa do meu peito,

POESIAS

Na aza de uma chimera, alto a voar
Em procura de um novo e melhor mundo,
Mais amplo, de mais luz, menos estreito
Do que este onde ama, onde palpita e morre
De tanto amar...»

XCVII

HYMNO Á COLERA

A Silva Jardim.

EXECRO a Inveja. Contra mim, que importa
Que impreeações o monstro abominando,
Vesgo e toucado de aspides, exhale?!
Amo o Amor; mas o Amor, louco, transporta
Os bravos, e põe Hercules fiando,
De roca e fuso armado, aos pés de Omphale.

Amo a Bondade ideal, lhana e sineera:
Cabe em seu coração, de indultos eheio,
Toda a grandeza de um colosso rhódio.

Odeio o Odio, que n'alma se invetera,
Cancro incuravel; e o Rancor odeio,
Pois não é mais que a vil placenta do Odio!

Não! A Colera, a Colera é que eu canto!
Seu brado acorda os echos estridentes,
E aturde, rouco, rebombando, os ares!
Seu halito respira a morte e o espanto!
E ella é que aos temporaes quebra as correntes,
Desencadeia e encarapella os mares!

A Colera immortal, grega ou troyana,
Na alma do invicto heróe possesso della,
Achilles ou Heitor, ouso cantal-a;
Canto a indomita Colera que, insana,
Escancarando dos volcões a guela,
Com linguas mil de fogo o Olymbo escala!

Canto o heróe ebrio della, quando atrôa
O clangor da batalha, o horror tressúa,
E o seu márcio ginete, arfando, rincha...
E, envolta em nimbos flammejantes, vôa,
Torva, a Colera; a Colera, que estúa,
O olhar accende e as cordoveias inchá!

POESIAS

Eil-o, o heróe, cujo punho a ira sagrada
Armou, para vencer a aguia que a entranya
De Prometheu, no Caucaso, devora;
O heróe que, a um golpe da fulminea espada,
Rasga um Nilo de luz, que o mundo banha
Nas fulvas ondas de uma nova aurora!

Eil-o! É mais bello que os heróes de Homero!
A vertigem do sangue, atroz, lhe adorna
De reflexos de purpura o semblante!
Qual ruivo athleta, desgrenhado e féro,
Combate; e a Colera immortal o torna
Aos archangos e aos deuses semelhante!

Ruja a seus pés mais de um Titan cahido!
E em seu guante ferrenho, estrangulado,
Mais de um se estorça, moribundo e exangue!
Combata! Vença! E, se tombar vencido,
Tombe, como Saul, amortalhado
Na tunica real do proprio sangue!

Vença! Da Gloria ao sol, surta radiosa
Essa, cujo esplendor o offusca e cega,
Co'era horrenda, embriaguez divina!

POESIAS

E, se a armadura de aço victoriosa,
Se lhe fender na turbida refrega,
Partindo-se-lhe a espada colubrina;

Desça elle, então, sem que ao pavor succumba,
De Gibel pela hiante e funda gorja,
Té onde a luz meridia arfa em desmaios;
Onde o malho cyclopico retumba,
E Brontes, monstruoso e acceso, forja
Os alfanges dos deuses, que são raios!

XCVIII

À SOMBRA DA MORTE

A Affonso Celso.

NAS vascas da agonia Adonis chora:
« — Com que sarcasmo, ó natureza, extenes
Profusa luz, em torno a mim agora!
Amor, porque me enleias em teus braços?
Porque, se a vida é curta, a ella me prendes
Esta alma ainda, *com tão fortes laços?!!»

Cheio de annos e cans, findo o combate
Da vida quasi finda,
Tambem um velho em ancias se debate:

POESIAS

«— O céus! — depréca num soluço rouco —
Luctei assás; deixai-me, vivo ainda,
Antes da morte, repousar um pouco!»

Um a lucta começa,
Outro remata a lucta... Certamente,
Tanto a velhice tremula, como essa
Fogosa juventude ardua e insoffrida,
O que deplora e sente,
Não é morrer, porém... deixar a Vida.

E a Morte, ao pé do leito, assim lhes falla...
(Sua voz sepulchral ninguem a escuta;
Podem só moribundos escutal-a.)
Fallá a cada um: — «Não temas tu, em meio
A lucta, ou pós a lucta,
A enorme paz do meu enorme seio!

«Paixão, Remorso, ou Sonho, ou *Pesadelo,
Não sou. Não sou o espectro, que, ominoso,
Toca o insomne Macbeth com mãos de gelo;
Não sou o espectro lôbrego e sangrento,
Que, á noite, assombra o olhar do criminoso,
E véla á cabeceira do avarento!

POESIAS

«Nem a visão, que, entre jasmins e rosas,
Em nives toro, ambigua, aerea e vaga,
Inflamma as almas noivas e amorosas;
E, entre os mil beijos da Volupia, gera
Um martyrio — no odor, que as embriaga,
Um tormento — no espinho, que as lacerá!

¶
«O eoração, que espera o heim, e cança
De esperal-o, meu halito adormece-o,
E, com elle, su'ultima esperança;
Quer a lueta comeees, quer a acabes,
Aneião ou jovem, Socrates ou nescio,
Tu que és amante, ou tu que amar não sabes,

«Mortal, enfim; no encalço da ventura,
O basiliseo fabuloso, a arcana
Pedra philosophal busea, proeura!
Mas não tentes achar, da mesma sorte,
O homem que, avesso á minha lei tyranna,
Conseguiu repousar antes da morte!»

XCIX

O DIO e Amor. Eis as duas sentinelas
Da minha vida. Quando, outr'ora, eu tive
A alma povoada de illusões singellas,
Morre! — dizia-me a primeira d'ellas;
Mas a segunda me dizia: — Vive!

Hoje estão ambas mudas. Ah! se um dia,
Não me corresse as veias, como corre,
Sangue honrado, mas lama e cobardia;
Vive! — O Odio então com jubilo diria;
E o Amor a soluçar diria: — Morre!

C

ONDAS...

I LHA de atrozes degredos!
Cinge um muro de rochedos
Seus flancos. Grosso a espumar
Contra a dura penedia,
Bate, arrebenta, assobia,
Retumba, estrondeia o mar.

Em circuito, o Horror impera;
No centro, abrindo a cratera
Flagrante, arroja um vulcão.

POESIAS

Ignea blasphemia ás alturas...
E, nas invias espessuras,
Brame o tigre, urra o leão.

Aqui chora, aqui, proscripta,
Clama e desespera afflita
A alma, de si mesma algoz,
Buscando, na immensa plaga,
Entre mil vagas, a vaga,
Que nestc exilio a depoz.

Se a vida a prende á materia,
Fóra desta, a alma, siderea,
Radia em pleno candor;
O corpo, escravo dos vicios,
E que teme os precipícios,
Que este mar cava em redor.

No azul eterno ella busca,
No azul, cujo brilho a offusca,
Pairar, incendida ao sol,
Despindo a crusta vil, onde
Se esconde; como se esconde
A lesma em seu caracol.

POESIAS

Contempla o infinito... Um bando
De gerifaltos voando
Passou, desappareceu
No ether azul, na agua verde...
E onde esse bando se perde,
Seu longo olhar se perdeu...

Contempla o mar, silenciosa:
Ora mansa, ora raivosa,
Váe e vem a onda minaz,
E, entre as pontas do arrecife,
Às vezes leva um esquife,
Às vezes um berço traz.

Contempla, de olhos maguados,
Tudo... Muitos degredados
Findo o seu degredo têm;
Vão-se na onda intumescida
Da Morte; mas, na da Vida,
Novos degredados vêm.

Ó alma contemplativa!
Vem já, decumana e altiva,
Entre essas ondas, talvez,

POESIAS

A que, no supremo esforço
Da Morte, em seu frio dorso,
Te leve ao largo, outra vez.

Quanto esplendor! São aquellas
As regiões de luz, que anhelas.
Rompe os rígidos grilhões,
Com que á Carne te agrilhôa
O instinto vital! E vôa,
E vôa áquellas regiões!...

AMOR CREADOR

CORAÇÃO, que és do amor o docil instrumento,
Rende-te, coração; rende-te ao seu poder;
Homem, vem, neste ameno oasis, suarento
E exausto, adormecer!

Enche um seculo a dôr, e o goso um só momento;
Existir é soffrer;
Para que, em tua especie, a vida, o soffrimento,
Dure eterno, has de amar. Ama, inditoso ser!

POESIAS

Todo o instineto a essa lei tyrannica é sujeito.
O amor contens-nos em vão em teu ambito estreito,
Alma. É forçoso amar,

Para que existas sempre, ó alma dolorida!
Forçoso é, pelo amor, perpetuando a vida,
A dôr perpetuar!

CII

AMEN!

A Filinto d'Almeida

GENIOS do bem; fadas, que os tristes
Vagidos — seus primeiros ais —
Juncto a seu berço, um dia ouvistes;
Fadas, que o berço lhe embalais!

Vaticinae-lhe aurea e risonha
Vida, risonho e aureo porvir;
O infante dorme, o infante sonha,
E acorda placido a sorrir...

POESIAS

Sobre os docéis do ninho de ouro,
Que bem fadaes, alados, vêm
Mil seraphins, cantando, em côro,
Dizer, ouvindo-vos:

— Amen!

E a voz que hymnifera o abençôa,
A voz dos anjos a cantar,
Alto, porém, tão alto sôa,
Que, enchendo a terra e os céus e o mar,

Váe té ao Barathro, aos infernos,
E assanha a Inveja e assopra o horror
Dos igneos vórtices eternos,
Do eterno Reprobo o rancor...

Tartareas boccas, que o maldigam,
Heis de entãovêr; vereis, tambem,
Demonios mil, que, ouvindo-as, digam,
Uivando, em côro:

— Amen! Amen!

CIII

BALSAMO NOS PRANTOS

CHORA. Uma grande dôr te punja e corte
E de prantos te inunde a face austera,
Já que uma dôr pequena prantos gera
Na alma de um fraco, só, por que a supporte.

Certo, não torce um coração que é forte,
A dôr que um fragil coração torcera;
Peitos de bronze, não; peitos de cera
É que a dôr amollece desta sorte.

POESIAS

Prantos, balsamo e allivio de quem chora,
Sejam fructos do amor, ou sejam fructos
Do odio, bem haja a dôr que os faz chorar!

Bem haja a dôr que pôde, enfim, agora,
Na aridez desses olhos sempre enxutos,
Duas fontes de lagrymas rasgar.

CIV

HOROSCOPO

TU baterás da Glória á porta que scintilla;
E, em vez della, ha de vir o Vilipendio abril-a!
— Sem úma estrella só, errática, a tremer
No céu negro, e de luz sequioso, irás bater
Á porta do palacio onde a Razão fulgura;
E a Razão não virá abrir, mas a Loucura!
— Á porta baterás da Virtude; e ha de vir
Co'uma gazúa o Crime a sacra porta abrir!
— Do Olvido á porta irás bater... Mas sobre o Crime
Não dormirás! O atroz Remorso, que supprime

POESIAS

O sonno ao criminoso, ha de a essa porta estar!

— Desanimado já, depois de, sem cessar,
A tanta porta, em vão, bateres desta sorte,
Baterás á da Morte, enfim..

Bem haja a Morte,
Que a não deixou de abrir, jámais, a um coração
Cançado de bater e de esperar em vão!

CV

ULTIMO PORTO

ESTE o paiz ideal que em sonhos douro;
Aqui o estro das aves me arrebata,
E em flôres, cachos e festões, desata
A Natureza o virginal thesouro;

Aqui, perpetuo dia ardente e louro
Fulgura; e, na torrente e na cascata,
A agua alardea toda a sua prata,
E os laranjaes e o sol todo o seu ouro...

POESIAS

Aqui, de rosas e de luz tecida,
Leve mortalha envolva estes destroços
Do extinto amor, que inda me pesam tanto;

E a terra, a mãe commun, no fim da vida,
Para a nudeza me cobrir dos ossos,
Rasgue alguns palmos do seu verde manto.

LODO E ESTRELLAS

NESTE Caspio sem marulhos,
Sem macaréos, quieto, quieto,
Em vâo brota o lodo infecto
Só venenosos tortulhos;

E despovôa os "casebres"
Vizinhos, lançando aos ventos
Os miasmas pestilentos
Do carbunculo e das febres;

POESIAS

Em vão sobre elle bafeja
A peste, e, na superficie,
Boia a nata da immundicie
E zumbe a mosca-varcja;

Ferve o enxamc dos immundos
Vibriões, filhos da lama,
— Deliciosissima cama
Dos farroupas nauseabundos —

Pelas margens e por cima
Torpes batracios, coaxando,
Sobre o charco pulam, quando
Acaso alguem se approxima...

Em vão; que Deus não esquece
As couisas mais vis; portanto,
Sobre esse putrido manto
Batendo, o sol resplandece.

Nelle os olhos azues cravam
As estrelas vacillantes,
Que em aguas taes repugnantes,
Sem repugnancia se lavam.

POESIAS

E tambem nelle se banha,
Em horas mortas, a lua,
Como a Willis toda nua
Das legendas da Allemanha.

Nem sempre elle espelha a peste,
Que ás vezes nelle os fulgores
Dos iris e as sete cores
Se estampam do arco celeste.

Deus vérte a flamma siderea
Na escura e tabida vasa,
E a entranha infecunda abrasta
Da podridão deleteria!

Dá-lhe a luz, sem convertel-a
Na luz; pois jámais de todo
Deixa o lodo de ser lodo,
E a estrella de ser estrella!

Mas basta a luz nelle accesa,
P'ra que o barro vil reflecta
Daquella flamina infinita
Toda a infinita grandeza.

CVII

Voltaire, dando com pé n'uma caveira, ria...

(GOMES LEAL)

JUNCTO a esta cruz os ossos dum asceta
Jazem... Do claustro as frias solidões
Amou, e, em vez da truculenta e inquieta
Vida, a paz, o cilicio e as orações;

E do mundo, afogando toda a abjecta
Concupiscencia e todas as paixões,
Illeso enfim sahiu, como o propheta
Daniel, da caverna dos leões.

[290]

POESIAS

Hoje no eterno céu, mysticamente,
Gosa a face do Altissimo... É sómente
Depois da morte, que se faz a luz.

A cruz é da Verdade o emblema sancto...
Mas... se assim é, de que se ri, no entanto,
Esta caveira immunda aos pés da cruz?...

CVIII

NADA! Esta só palavra em si resume tudo:
Sciencia diffusa em mil papyros e alfarrabios;
Obras de que é a traça o bibliognosta mudo,
E onde se expande á larga a estupidez dos sabios...

Tentam estes domar o pensamento e os raios,
Dar um roteiro aos sóes na esphera illimitada...
Basta! Todo isso jaz em livros mil... Queimai-os!
Que resta após?

Papel queimado...

Cinzas...

Nada!

[292]

APPENDICE





cm 1 2 3 4 5 unesp 8 9 10 11 12

PROLOGO DA 1.^a EDIÇÃO

Um dia, um jornal de Lisboa publicou o soneto

*Vae-se a primeira pomba despertada...
Vae-se outra mais... mais outra...*

E eram tão lindos os versos e tanto diziam aos corações, que aldeia, em que se fale a formosa língua, conhece o primor, transcripto, mil vezes reeditado, por muitos arrecadado como joia.

A Raymundo Corrêa chiamavam o *Poeta das Pombas*.

Em meados do verão do anno passado, nomeado secretario da legação do Brasil, desembarcava o poeta em Lisboa, e, pela vez primeira, aspirava o ar da velha Europa suggestiva, da pátria dos avós longínquos.

As poesias dos vinte annos outras haviam sucedido, igualmente sinceras, mas já não escriptas com a mesma pena arrancada ás azas brancas dos condóres, molhada nas tintas d'ouro das alvoradas tropi-

POESIAS

caes. Voára a mocidade, chegára a hora do crepusculo melancolico.

Tres livros trazia o poeta comsigo: — *Alleluias, Versos e Versões, Symphonias*.

Dos tres se faz agora este, que antes da breve partida para a patria longe, elle quer deixar aos irmãos d'áquem mar, cuja lingua musical deliciosamente escreve, senhor dos seus segredos, das mysticas harmonias, das melodias prolongadas e suavissimas.

É um livro de retalhos e é um livro completo; é o romance do poeta, é a historiá d'um coração. Este lhe deu a unidade e, com este, um sempre idéntico, levantado sentimento artistico. Livro de mocidade e livro de saudades. O sorriso d'hontem e as lagrimas d'hoje cantam um mesmo amor.

No ponto de tangencia de dois sentimentos diversos o sonhador hesita e escreve o *Renascimento*. Surja-se á vida! Abra-se o espirito á frescura da nova luz! Bata-lhe o sol alegremente! Vamos a erguer a pedra pesada e fria, e, das trevas do sepulchro voemos para a floresta, para o mar, pelo azul afóra, desfolhando as derradeiras petalas d'uma illusão!

Mas os bons tempos de vez passaram, e elles não voltam, como voltam as pombas aos pombaes.

Como luz que bruxoleia em brumas, mal lembram as primeiras vigilias, as mysteriosas e ainda mal definidas melodias, que o amor feriu, hesitante, nas cordas da alma.

Já os ouvidos são mudos ao *poema da noite*,

*que o firmamento
Desdobra todo em letras de ouro escripto.*

POESIAS

Ha que tempos disse o bom prior aquella missa da resurreição, a que os dois amantes faltavam, distraídos com o céo de abril, as flores do campo, os passaros que voavam, o sol que nascia, o céo todo cheio de alleluias, a terra de canticos e perfumes!

Ainda o bem está presente, e um primeiro cabello branco, uma melancolia de outomno trazem-nos um travo amargo de saudade que se adivinha.

*E em vez dos fructos de ouro que ha nos ramos
Antes, querida, vissem nossos olhos
As flores que eram berços d'esses fructos.*

As illusões sumiram-se como um bando de pombas brancas na luz do poente ainda offuscando os olhos.

O sino badala no ar frio. Ave-marias. O adeus á mocidade é triste como o soar das trindades.

A noite desce sobre os campos extensos e assim desce sobre as almas, quando os olhos se fecham cansados de muito vêr, ás vezes de muito chorar.

E elle canta as peregrinas.

*Iam atraz de uma illusão, de um ninho,
De uma nuvem, de um echo... e, já prostradas,
Vejo-as todas em meio do caminho.*

*Chora-as o sol das mesmas alvoradas,
E eil-as dormindo, ao capitoso vinho
D'essas lagrimas de ouro embriagadas.*

POESIAS

A dôr é uma herança triste do poeta.

Quando elle nasce, a propria mãe ergue contra Deus os punhos cerrados e impreca-o; se mostra uma alegria, cantando como o passaro na floresta, chora o seu anjo da guarda; cospem-lhe os amigos; sujam-lhe com cinza o pão com que ha de matar a fome, o vinho com que vae dessendar-se.

Mas, por consoladora ironia, chama-se *Beuçam* o primeiro poema das *Flores do Mal*.

O poeta ergue, sereno, para o céo os olhos maravilhados, os braços piedosos, o espirito lucido.

*Scyez bénî, mon Dieu, qui donnez la souffrance
Comme un divin remède à nos impuretés,
Et comme la meilleure et la plus pure essence
Qui prépare les forts aux saints voluptés!*

Os poetas teem azas brancas nas almas, de enorme envergadura.

*Envole-toi bien loin de ces miasmes morbides,
Va te purifier dans l'air supérieur,
Et bois, comme une pure et divine liqueur,
Le feu clair qui remplit les espaces liquides.*

Nas *Harmonias de uma noite de verão* conta-nos Raymundo Corrêa todo um dialogo passado na propria alma, drama em que falam saudades, esperanças,

temores, consolações. A poesia torna-se um refugio, até quando horrorosamente nos doe

A alma-esponja de lagrimas e fel.

Em meio das traições, das tramas urdidas, dos punhaes acerados, hypocrisias, odios, vicios, o poeta diz ao homem:

*Ascendo, arroubo-me ás immensidades,
Onde estruge a alleluia das espheras.*

E quantas poesias d'este livro foram escriptas só pelo gosto de nadar no azul, d'olhos fechados para as misérias eá de baixo, eneandeados pela luz purissima, em jorros na alta nasecente!

Procura-se o olvido; mas, quanta vez, a alma propria grita no drama fantasiado, grito sinistro como o do pelicano de que fala Alfred de Musset.

A mulher e a paizagem oceupam uma importante e formosissima parte do novo livro de Raymundo Corrêa. Assim devia ser. Apaixonado eultor da Formosura, esta havia de seduzil-o pelo que possue de mais poderoso em suggestões e mysterios.

Não canta uma mulher; canta a mulher com todos os seus encantos, desde a grega nua de formas divinaes eternisadas no marmore de Paros, até á moça aldeã forte e sadia, á hespanhola em boleros lascivos sorrindo eom seus labios eóradados, á *coquette*, que de pedra em pedra saltita, na eneantadora aguarella da *Chuva e Sol*.

POESIAS

Nas paizagens tão cheias de côr que os olhos maravilham, dc cantos que as almas clevam, de perfumes que as embriagam, adivinha-se quanta luz tem o céo do Brasil, quanta vida se roja no solo uberrimo, respira n'aquelles bosques, passa nas ondas quentes do vento rumorejante.

E entretanto uma doce essencia de melancolia evola-se do livro na aragem dc cada pagina que se volta, como um antigo aroma, que mal se define, mas traz uma recordação de sonho crepuscular, notas confusas d'uma velha canção olvidada.

É que o poeta aprendeu a linguagem purissima, cm que escrcve, nos velhos livros da velha patria dos avós, e porque d'estes herdou a alma portugueza, cujos cantos tão docemente em nossas almas se insinuam.

Em quanto as criancinhas no Brasil balbuciarem as primeiras palavras, tal qual os nossos filhos... Pae!... Mãe!... as glorias dos nossos irmãos serão as nossas, saber-nos-hemos entender atravez dos mares, falandos aos corações a mesma lingua musical.

Raymundo Corrêa é dos primeiros poetas brasileiros, é portanto uma gloria portugueza. Juntar o meu nome ao seu n'um mesmo livro é como chamar-lhe irmão, irmão que me envaidece.

João da Camara.

[300]

NOTA DA 1.^a EDIÇÃO

Este livro é composto em sua maior parte de poesias tiradas de outros livros do autor: «Symphonias», «Versos e Versões» e «Alleluias».

Das poesias de data mais recente, ineditas ainda, as poucas, que o autor tinha aqui ao seu alcance, ou conseguiu obter de prompto, não chegariam para um novo livro, e por isso resolveu elle inseril-as logo neste. São as de paginas 24, 81, 109, 112 e 117.

Daquelles tres livros o que menor contingente fornece á presente collecção é justamente o primeirc «Symphonias»: — versos escriptos pelo autor aos vinte annos, quando estudante em S. Paulo, e nos quaes é bem sensivel a influencia dos poetas extrangeiros então mais em voga alli, de V. Hugo, de Th. Gautier e sobretudo dos *parnasianos* francezes, de que era o autor um sincero e fervente entusiasta.

Mas o certo é que esse livro das «Symphonias», quando o autor o publicou (isto ha 15 annos já)

POESIAS

foi acolhido pela imprensa, no Brasil e em Portugal mesmo, com largas mostras de inequivoca sympathia e palavras de animação bastante lisonjeiras para o autor. Ainda lhe é muito grato, a este, relembrar que alguns dos honrosos elogios, que por essa occasião recbeu, eram firmados por nomes illustres de escriptores dentre os mais eminentes dos dois paizcs-irmãos: Pinheiro Chagas, Gervasio Lobato e Teixeira Bastos, em Portugal, e, no Brasil, Maeliado dc Assis, Joaquim Serra, Valentim Magalhães, Filinto de Almeida, Aluizio Azevedo e Adelino Fontoura. Nenhum dos outros dois livros, enfim, que o autor veiu a publicar mais tarde, posto que se julgasse revelarem da parte deste algum progresso e mais independencia, logrou exito igual ao daquelle primeiro livro.

Das «Symphonias» passam sómente para esta collecção algumas das poesias que a critica distinguiu e reputou melhores: *As Pombas* e *Mal Secreto* (dois sonetos que parecem ter pelo menos a ventura de ser os mais conhecidos), *A Chegada*, *Anoitecer*, *Plena Nudez*, *A Cavalgada*, *Contínua*, *Vulnus*, *Beijo Postumo* e *Vinho de Hebe*, cumprindo ao autor notar aqui, com relação a este ultimo soneto apenas, que a idéa eontida nelle lhe foi mais directamente sugerida por uns bellos versos de Mme. dc Aekermann (*Premières Poésies*) dos quaes entretanto o mesmo soneto não é traduçäo, nem paraphrase.

As demais poesias e portanto a maior parte das que se veem nesta collecção foram tiradas dos outros dois livros do autor: «Versos e Versões» e

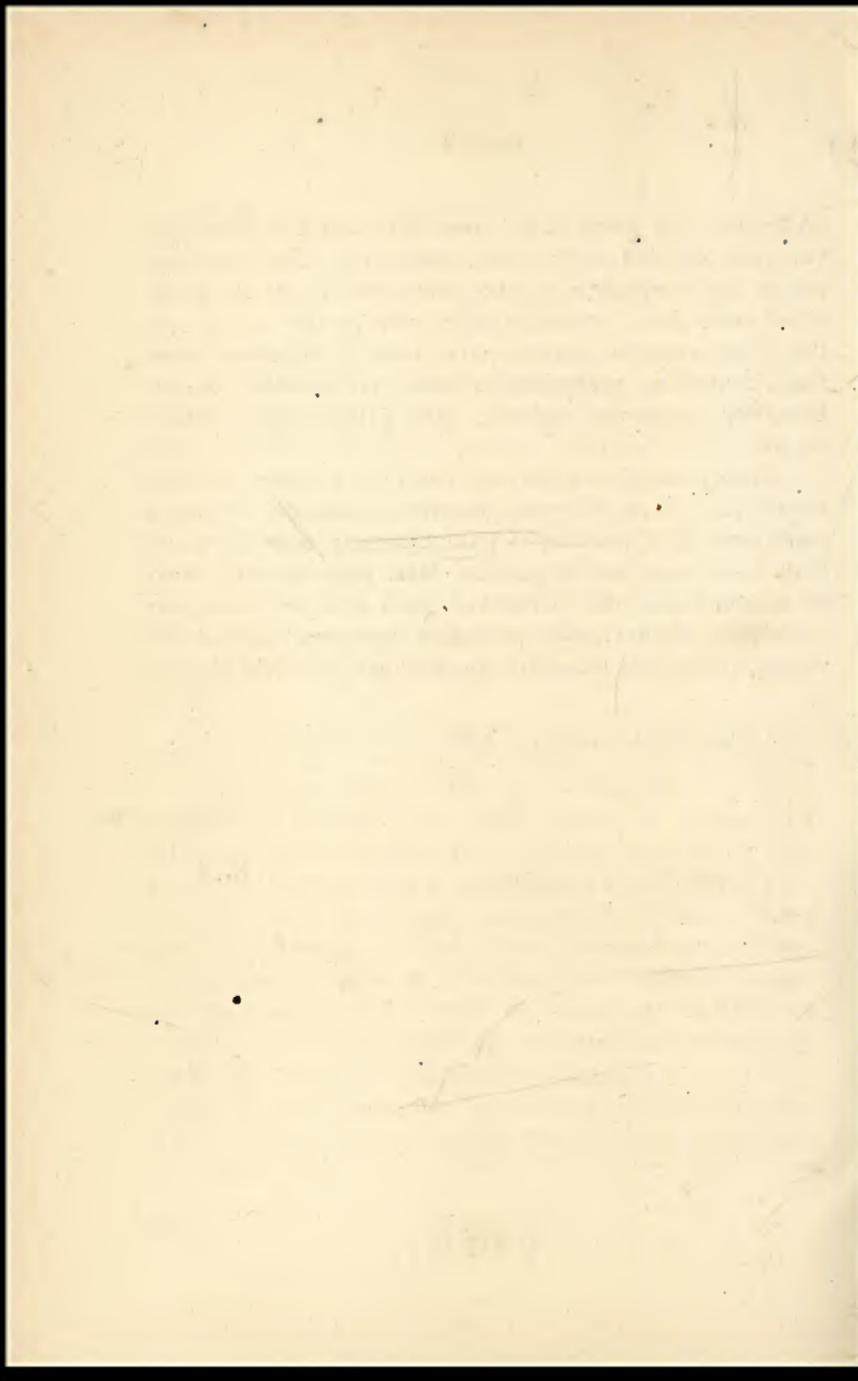
POESIAS

«Alleluias». O autor não quiz ser o unico responsável pela escolha feita; mas, como em tudo ha sempre o que corrigir e o que nem sempre ha são ocasiões para isso, entendeu elle não perder a que se lhe proporcionou agora para retocar algumas poesias, dentre as preferidas mesmo, fazendo-lhes as alterações, pequenas embora, que julgou mais necessarias.

Nas condições especiaes em que se teve de preparar este livro não foi possivel obedecer a razões nenhuma de classificação para observar uma certa ordem na collocação das poesias. Mas, pela maneira como se acham elles ahi dispostas, quasi que se conseguiu ao menos encher, com o maior numero possivel de versos, o menor numero de paginas possivel.

Lisboa, 2 de abril de 1898.

R. C.



cm 1 2 3 4 5 unesp 6 8 9 10 11 12

NOTA SOBRE A PRESENTE EDIÇÃO

Houve a principio o pensamento de juntar a esta collecção as outras producções de Raymundo Corrêa, em verso e prosa; mas prevaleceu afinal a idéa melhor de só se reimprimir o que elle mesmo escolhêra da sua obra para uma edição conjunta. Se é certo que tudo mais qanto elle deixou de lado, ou nos volumes anteriores, ou em jornaes e revistas, é admiravel, e completaria, com desigualdades embora, a sua expressão de poeta; era dever dos herdeiros e amigos do autor principalmente respeitá-lhe a vontade e o criterio da selecção de sua obra. As *Poesias* por elle escolhidas e revistas bastam para a perpetuidade do seu grande renome. O que importava fazer era apenas reimprimil-as com o cuidado meticuloso da perfeição, que elle requeria para a sua obra como para a sua vida moral.

A biographia de Raymundo Corrêa, nas suas linhas exteriores, cabe toda em dois ou tres periodos. Nasceu a 13 de Maio de 1860, a bordo do *S. Luiz*, em aguas do Maranhão; passada a adolescencia em Cabo Frio, formou-se na Faculdade de Direito de S. Paulo. Estreou a vida publica promotor na Província do Rio de Janeiro e acabou juiz na magistratura do Distrito Federal, sem continuidade entre tanto na carreira: com a Republica ficara juiz em disponibilidade, e enquanto não voltava á sua profissão, a mais adequada ao seu animo recto, foi professor na Escola de Direito de Ouro Preto, director de Secretaria do Estado de Minas, professor e vice-director do Gymnasio Fluminense em Petropolis, e 2.^o secretario de legação em Lisboa. Casara-se cedo com a Sra. D. Marianna de Abreu Sodré, que foi, esposa e mãe para elle, a grande e pura força da sua vida; e dos filhos que teve, tres moças viveram para iluminar-lhe o coração satisfeito até a sua morte. Nessas quatro criaturas foi Raymundo Corrêa absolutamente feliz. Morreu em Paris a 13 de Setembro de 1911 em viagem de saude.

Os seus restos jazem desde 1921 no cemiterio de S. Francisco Xavier nesta cidade, para onde os fez transportar da Europa a Academia Brasileira.

Abril de 1922.

M. de A.

[306]

INDICE

Viver!	7
Ser moça e bella ser	8
As pombas	10
O vinho de Hebe	12
O dia acorda	14
A Chegada	17
Renascimento	19
Eviterno Amor	21
Primeiras Vigilias	23
O Juramento	25
Passeio Matinal	27
Versos a um artista	29
Cythera	37
Ode Parnasiana	39
Beijos do Céu	44
Missa da Resurreição	46
Nuvem branca	54
A uma cantora	56
Plena Nudez	58

POESIAS

Ixion	60
Conchita	62
Jessica	64
Zulmira	66
Tristeza de Momo	68
Anima Chloridis	70
Sonho Turco	72
Flor Azul	78
Vesper	79
Poema da Noite	81
Desdens	83
Musa Aldean	85
Primaveril	91
Chuva e Sol	93
Noites de Inverno	95
Aria Nocturna	97
Cœrulei Oculi	99
Um Soneto de Lope de Vega	103
A Ave-Maria	105
Anoitecer	107
Sósinha	109
A Cavalgada	111
Continúa	113
Despedidas	115
Lembrança	117
No Outomno	119
Faseinação	121
Fantina	123
Soror Pallida	125
Peregrinas	127
Luizinha	129

POESIAS

Peregrina	138
Tentações do Ermo	141
Clotilde	143
Madrigal	145
Na Ponta de Uma Flecha	147
A Selva do Leão	149
Vulnus	151
O Monge	153
Plenilunio	155
Os Ciganos	158
Pelago Invisivel	161
Saudade	163
Tres Estancias	165
Mal Secreto	167
Horacio Flacco	169
O Misanthropo	171
Temor	173
Os Argonautas	175
Pesadelo	177
Beijo Postumo	179
Baccho, quando pequeno	181
Elmani Tabernula	184
A Venus de Vienna	186
Mazzepa	188
Banzo	190
Child-Harold	192
Entre dois	194
Job	195
Homem, embora exasperado brades	199
Nirvana	201
Psyche	204

POESIAS

Imagen da Dor	206
Vana	209
Harmonias de Uma Noite de Verão	211
Meditações	221
Lubricus Anguis	234
Núa e Crúa	236
Desilludido	238
Fetichismo	242
Déus Impassivel	244
Vae Victis!	247
Dialogos	249
Green Spot	254
O Fabordão	256
Paz Entre os Homens	260
Um Trecho de Heine	262
Hymno á Colera	265
À Sombra da Morte	269
Odio e Amor	272
Ondas	273
Amor Creador	277
Amen!	279
Balsamo nos Prantos	281
Horoscopo	283
Ultimo Porto	285
Lodo e Estrellas	287
Juncto a esta cruz	290
Nada	292
Prologo da 1. ^a Edição das <i>Poesias</i> , por D. João da Camara	293
Nota da 1. ^a Edição	301
Nota Sobre a Presente Edição	305

[310]

EDIÇÕES
DO «ANNUARIO DO BRASIL»
«SEARA NOVA»
E
«RENASCENÇA PORTUGUESA»

— — —
JUNHO DE 1922

— — —
BIBLIOTECA LUSITANA

Cancioneiro Popular — Estudo crítico de Jaime Cortesão	2\$000
Crónica d'El-Rei D. Duarte, de Rui de Pina — Estudo, notas e glos. de Alfredo C. de Magalhães (2. ^a ed. — no prelo).	
Tristão o Enamorado — Quadros de conjunto do romanceiro popular português — Coordenação e prefácio de Teófilo Braga	2\$000
Trovas de Crisfal, carta, cantigas e esparsas — de Cristóvão Falcão — com um estudo sobre sua vida, poesias e época, por Teófilo Braga	2\$000
Anfitrião ou Jupiter e Alcmena — Ópera de Antonio José da Silva. Pref. e not. de Francisco Torrinha	2\$000

CATALOGO

Autos de Gil Vicente seguidos de alguns excertos — Compilação, prefácio e glossário de Afonso Lopes Vieira	35000
Carta de Guia de Casados, de D. Francisco Manuel de Melo — Pref. e notas de Edgar Prestage (2. ^a ed. — no prelo).	
Os Amores de Camões — Teófilo Braga (2. ^a ed. — no prelo).	

BIBLIOTECA HISTÓRICA

O Cerco do Porto, contado por uma testemunha, o Coronel Owen. Prefácio e notas de Raul Brandão (2. ^a ed. com novos documentos)	4\$000
A Praça Nova — Alberto Pimentel (2. ^a ed. — no prelo).	
1817 — Gomes Freire (3. ^a edição) — Raul Brandão	5\$000
D. Pedro — Coelho de Carvalho	3\$000
Duas Grandes Intrigas — Alfredo Varela, 2 volumes	10\$000
Memórias, 1. ^o volume (2. ^a edição) — Raul Brandão	3\$000
El-Rei Junot (2. ^a ed.) Raul Brandão	4\$000
História de um Fogo Morto (2. ^a edição) — José Caldas	6\$000
Episódios Dramáticos da Inquisição Portuguesa, 1. ^o vol. — António Baião	5\$000
No prelo — o 2. ^o volume.	

BIBLIOTECA DE EDUCAÇÃO

Educação Cívica — António Sérgio	2\$000
O Método Montessori — Luísa Sérgio (2. ^a ed.)	3\$000
Considerações Histórico-Pedagógicas — António Sérgio	1\$000

CATALOGO

Cultura e Analfabetismo — Adolfo Coelho . . .	1\$000
Industria e Scienza, de Le Châtelier — Tradução	1\$000
A Função Social dos Estudantes — António Sérgio	1\$000
Noções de Zoologia, coordenadas por António Sérgio	3\$000
O ensino como factor do ressurgimento nacional — António Sérgio	1\$000
Escala de Pontos dos Niveis Mentais das crianças portuguesas — Luísa e António Sérg.o	18500

BIBLIOTECA JURIDICA

Tratado da Propriedade Litéraria e Artística — Visc. de Carnaxide	6\$000
Acordãos e Anotações ao Código do Processo civil — Jorge Utra Machado, encadernado	10\$000

BIBLIOTECA TECNICA

Elementos de Máquinas — Eugenio de Barros, 1.º vol.	5\$000
---	--------

BIBLIOTECA INFANTIL E POPULAR

Cantigas do Povo para as Escolas — seleccio- nadas por Jaime Cortesão	1\$000
Contos de Mme. Aulnoy (A Bela dos cabelos d'Ouro e Ave Azul) Tradução e prefácio de José Teixeira Rego	1\$000
Mina de Barnelm, de Lessing — Tradução e prefácio de Joaquim Aroso	2\$000
Pequena Antologia Clássica (de Homero a Tolstoi) — José Teixeira Rego	3\$000

CATALOGO

BIBLIOTECA INTERNACIONAL

Contos de Shakespeare, de Charles e Mary Lamb — Trad. e pref. de Januário Leite, (2 vol.) Cada	3\$020
As aventuras de Telémaco, de Fenelon — Prefácio de José Teixeira Rego — 1.º vol.	3\$000
No prelo — o 2.º volume.	

ANTHOLOGIA UNIVERSAL

- 1 — Manuel Bernardes — Histórias varias.
- 2 — Soror Mariana — Cartas de Amor, nova restituição e esboço critico de Jaime Cortesão.
- 3 — José de Alencar — Iraeema, edição prefaciada por Mario de Alenear.
- 4 — Almeida Garrett — Frei Luiz de Souza.
- 5 — Gonzaga — Lyricas (Da Marilia de Dirceu), prefácio e notas de Alberto Faria.
- 6 — Fernão Mendes Pinto — Em busca do Corsário.
- 7 — Carlos Dickens — Canto do Natal, tradução de D. Virginia de Castro e Almeida.
- 8 — Camões — Pensamentos, extraídos das suas obras por J. Viana da Mota.
- 9 — Cervantes — Novelas exemplares (Cornelia — O ciumento) tradução de D. Virginia de Castro e Almeida.
- 10 — Fernão Mendes Pinto — A Ilha dos Tesouros.
- 11 — José d'Alenear — Diva, pref. de Mario d'Alenear.
- 12 — Shakespeare — O Mereador de Veneza — tradução de J. Aroso.
- 13 — 14 — Imitação de Cristo — tradução do latim pelo P.e Valerio Cordeiro.

No prelo

Os melhores Sermões de Vieira, prefácio e notas de Afranio Peixoto.

CATALOGO

A Moreninha, Joaquim Manuel de Macedo.
Contos de Imaginação e mysterio — de Edgar
Poe, trad. de Januário Leite.

OBRAS DE W. SHAKESPEARE

Júlio César — Tradução de A. J. Anselmo	2\$000
O Mercador de Veneza — Trad. de J. Aroso	3\$000
Hamlet — Tradução de Januário Leite (no prelo).	

FILOSOFIA

O Criacionismo — Leonardo Coimbra (Esgotado).	
A Morte — Leonardo Coimbra	3\$000
O Pensamento Criacionista — Leonardo Coimbra	4\$000
A Luta pela Immortalidade — Leonardo Coimbra	4\$000

ECONOMIA

A Grei — Ezequiel de Campos	3\$000
Pela Espanha — Ezequiel de Campos	5\$000
A Evolução e a Revolução Agraria — Ezequiel de Campos	1\$000
Leivas da Minha Terra — Ezequiel de Campos	2\$000

SCIENCIA

A Teoria da Mutação — Armando Cortesão (esgotado).	
Trigonometria plana (2.ª edição) — Augusto Martins	4\$000
Higiene e Moral, pelo Dr. Good — Tradução de J. Aroso (2.ª edição)	2\$500

CATALOGO

OBRAS SOBRE A GUERRA

Portugal e a Guerra — Número especial de «A Agúia»	1\$000
O Conflicto Internacional sob o ponto de vista português — José de Macedo	5\$000
Cartas da Guerra — Adelino Mendes (Esgotado).	
Nas Trincheiras de Flandres (4. ^a edição) — Capitão Augusto Casimiro	3\$000
Vida Americana (3. ^a edição) — Alberto Amado	3\$000
O Flagelo dos Mares — Bazilio Teles	3\$000
Da Flandres ao Hanover e Mecklenburg — Tenente-coronel Alexandre Malheiro	4\$000
Ao Parapeito — Tenente Pina de Morais (2. ^a edição)	3\$000
O Amor na Base do C. E. P. — Alexandre Malheiro	2\$000
Memórias da Grande Guerra — Jaime Cortesão	4\$000
A Ferro e Fogo — Coronel Eduardo Pimenta	2\$000
Tropa d'Africa (2. ^a edição) — Capitão Carlos Selvagem	5\$000
Calvários da Flandres — Capitão Augusto Casimiro	3\$000
A Batalha do Lys — General Gomes da Costa	5\$000
O Soldade-Saudade — Tenente Pina de Morais	4\$000

SÉRIE LAEMMERT

Almanak Laemmert para 1922 — 4 volumes	80\$000
Diccionario Chorographic	5\$000
Tarifa das Alfandegas	6\$000
Memorial Fluminense para 1922 (Dois dias por pagina)	5\$000
Apontamentos Diarios para 1922 (um dia por pagina)	7\$000

CATALOGO

Agenda Laemmert para 1922 — a melhor e mais prática	6\$000
Folhinha Laemmert para 1922, em varias se- ries, cada	1\$500

CULTURA PATRIOTICA

Arte de ser português — Teixeira de Pas- coaes (2. ^a edição)	3\$000
--	--------

ETNOGRAFIA

Etnografia artística — Virgilio Correia	5\$000
---	--------

COLLECÇÃO EDUARDO PRADO

(CENTRO D. VITAL)

Serie A.

Pascal e a Inquietação moderna — Jackson de Figueiredo	4\$000
---	--------

OUTRAS OBRAS

Os Reis da Belgica	5\$000
A Volta do Imperador — Carlos de Magalhães Azeredo	3\$000
Ensaios, Tomo I — António Sérgio	6\$000
Remembranças — Alfredo Varela	6\$000
Contos e Impressões — Mario d'Alencar	4\$000
Humilhados e Luminosos — Jackson de Fi- gueiredo	3\$000
Urze do Monte — Mario Monteiro	4\$000
Nova Sapho (2. ^a ed.) — Visconde de Vil- Moura	5\$000

CATALOGO

Adoração — Leonardo Coimbra	3\$000
Figuras — Constancio Alves	4\$000
Flér de Manacá — Brenno Arruda	5\$000
Obstinados — Visconde de Vila-Moura	3\$000
Da Continencia e seu factor eugenico — Ma-	
rio de Vilhena	3\$000
Dentro da Vida — Ranulpho Prata	3\$000
Lyra Franciscana — Durval de Moraes	2\$000
Adão e Eva — Jaime Cortesão	3\$000
Problemas Escolares — Faria de Vasconcelos	4\$000
Alamêda Nocturna — Rodrigo Octavio Filho	3\$000
Italia Azul — Jaime Cortesão	5\$000
Fausio — Renato Almeida	5\$000
História do Rio Grande do Norte — Rocha	
Pombo	15\$000
Cousas do Tempo — Tristão da Cunha	5\$000
Conversas — Coelho Netto	4\$000
Poesias — Raymundo Correa	5\$000

REVISTAS

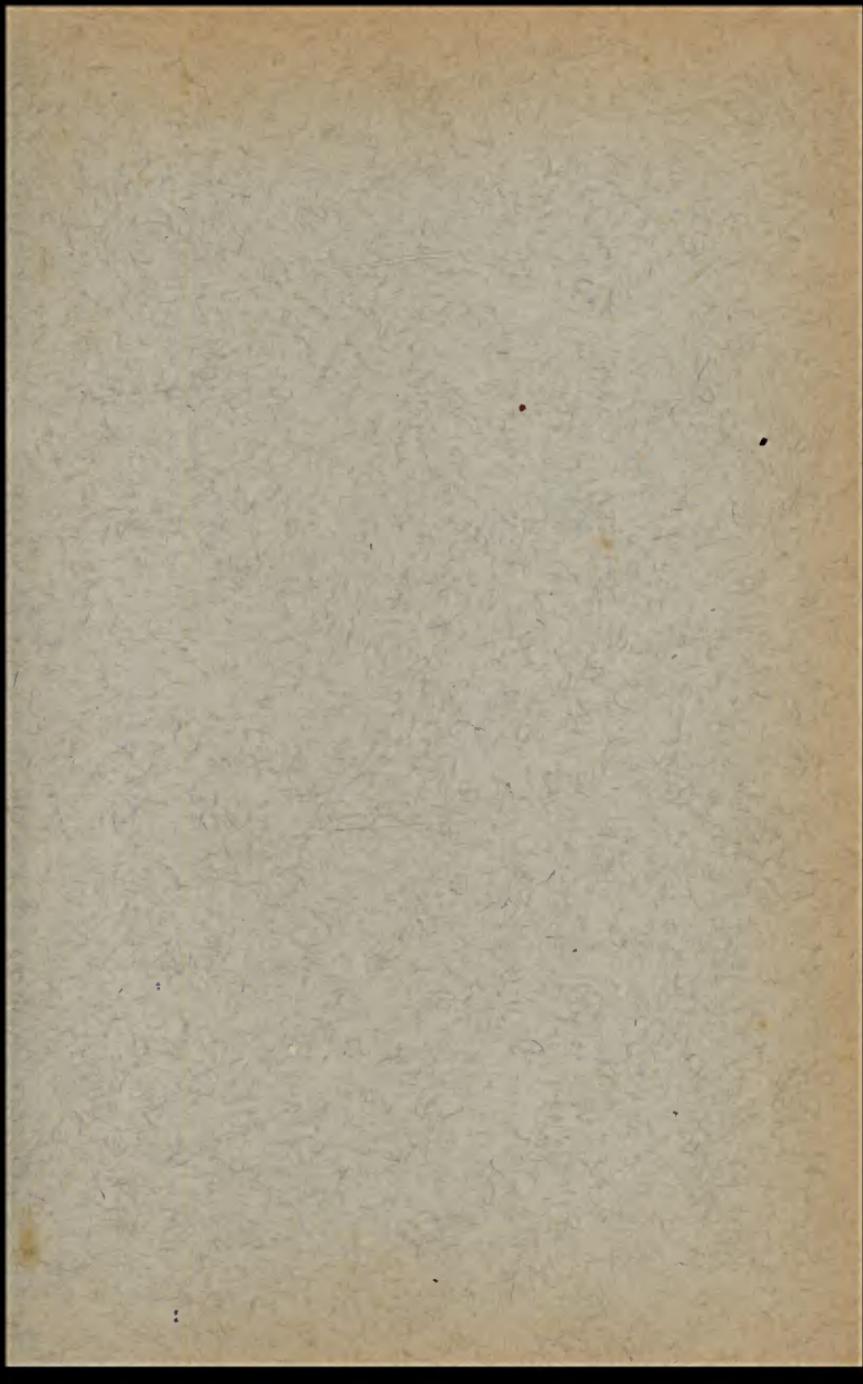
A Águia (2. ^a série) — I a XVIII, vol.	3\$000
Cada n. ^º	500
A Vida Portuguesa—Boletim — Publicados os	
n. ^º s 1 a 39. 1. ^o vol. 1\$500. Cada n. ^º	100
Seara Nova, quinzenal. Cada n. ^º	600

ACABOU DE SE IMPRIMIR
ESTA 4.^a EDIÇÃO
NA TYPOGRAPHIA DO ANNUARIO DO BRASIL,
(ALMANAK LAEMMERT)
R. D. MANOEL, 62 — RIO DE JANEIRO
AOS 12 DE JUNHO DE 1922





cm 1 2 3 4 5 unesp 8 9 10 11 12



cm 1 2 3 4 5 unesp 8 9 10 11 12

250,-
Esta publicação deve ser devolvida na última data marcada

20 OUT 1991

Mod. 105 - 63 - B

A81

UNESP
BIBLIOTECA - CAMPUS DE ASSIS

Tombo: 6.082 Class: 869.91

C824p

Autor: Correia, Raymundo

Título: Poesias

RETIRADA

DEVOLUÇÃO

TOMBO: 6.082

**FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS
E LETRAS DE ASSIS**

BIBLIOTECA CENTRAL

*Se este livro não fôr devolvido dentro
do prazo, o leitor perderá o direito a novos
empréstimos.*

*O prazo poderá ser prorrogado se não
houver pedido para este livro.*

MOD. 88 63 - B - 15.000



cm 1 2 3 4 5 unesp 8 9 10 11 12 13